

# DISCURSIVIDADES

Revista do Departamento de Letras e Artes da UEPB

Vol. 3 - N. 2 • Outubro 2018



ISSN 2594-6269

# Discursividades

Campina Grande, PB, Brasil • Vol. 3 - N. 2 - Outubro de 2018 • ISSN 2594-6269



Revista eletrônica semestral do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. Dedicada-se à publicação de textos – artigos ou resenhas – cuja ênfase recai sobre as questões do Discurso em diálogo com os estudos da Linguagem. A partir desse escopo, o periódico busca contemplar uma abordagem temática ampla, incluindo Literatura e ensino de línguas.

**Universidade Estadual da Paraíba**

Reitor Antonio Guedes Rangel Junior

Vice-Reitor Flávio Romero Guimarães

**Editor:** José Domingos

**Editoração:** Henrique Magalhães | Marca de Fantasia

**Revisão:** Daniel Guedes Soares - UEPB

Guilherme Moés Ribeiro de Sousa - UEPB; Matheus Gonçalves - UEPB

**Capa:** Reprodução da obra “Três mulheres e um menino” (1939), de Cândido Portinari.

**Contato:** [revistadiscursividades@gmail.com](mailto:revistadiscursividades@gmail.com)

<https://www.marcadefantasia.com/discursividades.html>

Submissão de trabalhos pelo sistema OJS:

<http://revista.uepb.edu.br/index.php/REDISC/index>

**Endereço:** Departamento de Letras e Artes, UEPB

Rua Baraúnas, 351. Bairro Universitário

Campina Grande, Paraíba, Brasil. 58429-500

Tel.: +55 (83) 3315.3300

Revista editada pela editora



**MARCA DE FANTASIA**

Rua Maria Elizabeth, 87/407

João Pessoa, PB, Brasil. 58045-180

[marcadefantasia@gmail.com](mailto:marcadefantasia@gmail.com)

[www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com)

## Conselho editorial

---

Ana Elvira Steinbach Torres - UFPB, Universidade Federal da Paraíba  
Antônio Genário P. dos Santos – UFRN, Univ. Federal do Rio Grande do Norte  
Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro – URCA, Universidade Regional do Cariri  
Cleber Alves de Ataíde – UFRPE, Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Danúbia Barros Cordeiro – IFRN, Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Eliana Ismael Costa – UFPE, Universidade Federal de Pernambuco  
Francisco Paulo da Silva – UERN, Univ. Estadual do Rio Grande do Norte  
Francisco Vieira da Silva – UFERSA, Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Linduarte Pereira Rodrigues – UEPB, Universidade Estadual da Paraíba  
Ludmila Mota de Figueiredo Porto – UEPB, Universidade Estadual da Paraíba  
Maíra Fernandes Nunes – UFCG, Universidade Federal de Campina Grande  
Maria das Dores Nogueira Mendes – UFC, Universidade Federal do Ceará  
Nilton Milanez – UEFS, Universidade Estadual de Feira de Santana  
Pedro Henrique Lima Praxedes Filho – UECE, Universidade Estadual do Ceará  
Pedro Luís Navarro Barbosa – UEM, Universidade Estadual de Maringá  
Regina Baracuhy – UFPB, Universidade Federal da Paraíba  
Vanice Maria Oliveira Sargentini – UFSCAR, Universidade Federal de São Carlos



# Sumário

---

Apresentação	5
Práticas de normalização discursiva: o corpo negro na estética feminina portinariana Jefferson Campos	8
A ordem do discurso dos anúncios de beleza da revista Careta (1908-1910) Alessandra Gomes Coutinho Ferreira	26
A (re)produção do estereótipo nas piadas: sobre os sentidos do humor Elaine Maria Rocha	48
A propósito da escrita de artigo científico Clara Regina Rodrigues de Souza Guilherme Moés Ribeiro de Sousa	65
Lexicografia multimodal: como as crianças percebem os recursos visuais dos dicionários infantis Francisco Iací do Nascimento	87
Normas de publicação	104

# Apresentação

Nesta edição de número três de **Discursividades**, mantemos a abrangência de escopo desta publicação e, como nas anteriores, trazemos à leitura uma reunião de trabalhos que se inscrevem em diferentes segmentos dos estudos da linguagem. Na mirada de cada pesquisador, os objetos linguístico-discursivos de seus estudos são projetados à luz de perspectivas teóricas que os problematizam enquanto uma singularidade na cadeia dos discursos e da história humana com a linguagem.

Considerando a natureza própria de cada temática para a qual as pesquisas desta edição se voltam, os artigos contemplam questões que focalizam *o corpo negro perpassado pela estética feminina*. Também nessa ordem do discurso da beleza, *as identidades femininas* são investigadas sob a produção enunciativa da publicidade. Estes dois temas estabelecem uma interseção com a *(re)produção dos estereótipos que contorna o discurso do humor*. Em paralelo, *o texto lexicográfico e a escrita acadêmica* compõem o agrupamento temático desta edição.

Dessa forma, no texto que tematiza a representação visual da mulher negra brasileira na produção estética de Cândido Portinari, temos uma análise que aponta a existência de um regime disciplinado para a representação visual do corpo negro feminino, cuja condição de existência se sustenta na convergência entre história e memória,

no ponto em que a sexualização do corpo torna-se, enquanto regularidade no discurso, materialidade significativa dos sentidos do social.

Seguindo nessa investida discursiva, o trabalho que investiga a ordem do discurso da beleza e da higiene, materializado na revista *Careta* procura apreender a construção de identidades femininas representativas do perfil de uma “nova mulher” numa relação entre o referencial teórico da Análise do Discurso com as teorias dos Estudos Culturais. A autora mostra que os discursos institucionalizados pela revista analisada permitiram a construção de uma relação de saber-poder em torno de um ideal de beleza feminina.

Na sequência dessa discussão sobre os enunciados que põem em circulação modos de existência e identidades, a proposta vai lançar um olhar reflexivo sobre o processo discursivo de produção/reprodução de estereótipos do sujeito homossexual veiculado através das piadas. Aqui não se objetiva apenas o aspecto linguístico da piada, mas seu funcionamento sócio-discursivo. Pois é no âmbito da discursividade e produção dos sentidos que se constata a ação do humor, que se apropria das figuras e modelos de representação e lhes imprimem modos de ser.

Numa outra perspectiva teórica, vemos como a escrita dos gêneros acadêmicos faz-se primordial para o sucesso acadêmico-profissional do estudante universitário. Neste sentido, esta pesquisa bibliográfica e analítica nos permite evidenciar as principais falhas quanto à harmonização escrita do gênero artigo científico. A tônica do trabalho se volta para problemas referentes ao discurso, focalizando questões que vão da autoria ao plágio.

Temos no artigo seguinte resultados de uma pesquisa acerca de como os recursos visuais contribuem para a compreensão do texto, buscando compreender de que modo os alunos percebem a representação visual no dicionário. Trata-se de um estudo qualitativo cujos resultados indicam que os alunos captam a representação visual do dicionário, identificando a função de alguns dos recursos visuais das páginas e dos verbetes, especialmente, os elementos mais salientes como as ilustrações e as cores. Contudo, elas apresentaram algumas dificuldades para relacionar as ilustrações aos verbetes correspondentes.

Por fim, ao sumarizar a ideia de cada pesquisador, este número de **Discursividades** intenciona que cada pesquisa aqui divulgada nos possibilite outros olhares dos diferentes objetos por elas dissecados. E, reiteramos nossa intenção, já mencionada nas edições anteriores, com o saber e o conhecimento: que nosso fazer científico possa possibilitar gestos teóricos que contribuam para um diagnóstico do presente.

José Domingos

# Práticas de normalização discursiva: o corpo negro na estética feminina portinariana

Jefferson Campos

**Resumo:** No presente artigo, tematizamos a representação visual da mulher negra brasileira na produção estética de Cândido Portinari. Sob o viés de uma análise dos discursos de orientação foucaultiana, objetivamos verificar se o princípio de enunciabilidade, na iconografia portinariana, se constitui por meio de uma normalização do fazer artístico. A análise aponta a existência de um regime disciplinado para a representação visual do corpo negro feminino, cuja condição de existência se sustenta na convergência entre história e memória, no ponto em que a sexualização do corpo torna-se, enquanto regularidade no discurso, materialidade significativa dos sentidos do social.

**Palavras-chave:** normalização; estética portinariana; mulher negra brasileira.

## Prácticas de normalización discursiva: el cuerpo negro en la estética femenina de Portinari

**Resumen:** En este artículo tematizamos la representación visual de la mujer negra brasileña en la producción estética de Cândido Portinari. Por el aporte de la análisis del discurso de orientación foucaultiana tenemos el objetivo de demostrar si el principio de enunciabilidad de la producción

---

Jefferson Campos é Mestre e Doutorando em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).



portinariana se constituye a través de una normalización del hacer artístico. El análisis apuntó la existencia de um regimém disciplinário de la representación visual del cuerpo femenino, cuya condición de existencia se sustenta em la relación entre memoria y historia, em el punto que la sexualización del cuerpo, uma regularidad en el discurso, uma materialidade significativa del social,

Palabras clave: normalización; estética portinariana; mujer negra brasileña.

[...] não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer alguma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e, na superfície do solo, lancem sua primeira claridade [...]; o objeto não espera nos limbos a ordem que vai liberá-lo e permitir-lhe que se encarne em uma visível e loquaz objetividade; ele não preexiste a si mesmo, retido por algum obstáculo aos primeiros contornos da luz, mas existe sob as condições positivas de um feixe complexo de relações.

(FOUCAULT, 2008a, p. 50).

## I. Efeito de entrada na ordem do discurso

**E**ste artigo nasceu de um texto de Foucault. Da inquietação que, com sua leitura, perturba todas as familiaridades da enunciação – da nossa: daquela “que tem nossa idade e nossa geografia –, abalando todas as superfícies ordenadas e todos os planos que tornam sensata para nós a” (FOUCAULT, 2000, p. IX) entrada na ordem do discurso. Assim, ao acatar o trajeto temático de constituição de

subjetividades por meio e através de práticas discursivas midiáticas, reiteramos a tese foucaultiana de que

[...] em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 08-09).

Em face desse ritual de linguagem, regulado por formas mais ou menos estáveis de dizer(-se), o presente texto, que revisita resultados da pesquisa *A emergência do corpo sensual em Cândido Portinari: práticas de normação da estética feminina e de normalização da representação da mulher negra*, vinculada ao projeto institucional *Práticas identitárias na pós-Modernidade: discurso, sentido e mídia* (GEDUEM/CNPq), inscreve-se nas ressonâncias foucaultianas que acampam e entrecruzam o terreno da Análise de Discurso inaugurada na França, bem como em aproximações teóricas com disciplinas que problematizam a imagem em sua constituição discursiva. O trabalho, estabelecido na tensão entre saber, poder, verdade e subjetividade(s), busca, ao flunar pela iconografia portinariana, verificar se o princípio de enunciabilidade do enunciado visual se constitui por meio de uma normalização do discurso artístico.

A tese apresentada é a de que, nessa condição, é produzido um regime disciplinado para a representação visual do corpo negro feminino, cuja condição de existência está na convergência da história com a memória, no ponto em que a estabilização de alguns sentidos,

como a da sexualidade e maternalização do corpo feminino tornam-se, enquanto regularidade no/do discurso imagético portinariano, materialidade significante do social.

Pelo exposto e tendo em vista que eleger a representação do corpo como objeto de análise implica algumas justificativas, as quais atendem às demandas da ordem do discurso científico e, em boa medida, caucionam o empreendimento a que se dedica este trabalho, na seção seguinte, são explicitadas as condições que permitem a composição de uma ordem para olhar a representação visual do corpo na iconografia portinariana.

## 2. O corpo na ordem do olhar: o olhar na ordem do discurso

Ver, manusear, dissecar, educar e representar o corpo não constitui uma tarefa recente. Desde as mais antigas civilizações, estudiosos lançam o olhar sobre essa existência material para apreender-lhe seja a espessura biológica, seja o gérmen social, cultural, político e, portanto, histórico para o qual serve de suporte. Por isso, o corpo, nas múltiplas reentrâncias que possui e em sua emergência como objeto de estudo, é interpenetrado pelas instâncias do discurso, o que lhe permite ser interrogado e problematizado em seu percurso de materialização e em seus diferentes “stances of (in)visibility” – regimes de (in)visibilidade (TASSO; CAMPOS, 2010).

Transformado em superfície de inscrição histórica dos acontecimentos (e em fato de discurso), o corpo ultrapassa o nível das classificações biológicas, supera a transparência dos sentidos atribuída pela tradição judaico-cristã, pelas quais o corpo é apenas um invó-

lucro terreno para a essência eterna da alma, para tornar-se “[...] lugar de dissociação do Eu [...] volume em perpétua pulverização”, concomitantemente cravejado de história e arruinado por ela (FOUCAULT, 1998, p. 22).

Por esse modo peculiar de existência, o corpo, ao tornar-se objeto da representação iconográfica, traz consigo todas as implicações de sua existência física para o campo das artes, instituindo um regime de visibilidade. Com a intensificação dos meios de (re)produção e circulação das imagens na contemporaneidade (BENJAMIN, 2000), há um movimento de espetacularização do corpo que inaugura diferentes regimes de (in)visibilidade dessa materialidade (TASSO; CAMPOS, 2010). Procedimento que define a necessidade de buscar a legibilidade desse corpo-discurso por meio de uma especialização do olhar, uma transposição do ver, enquanto o ato de simples percepção, para o ler, enquanto “[...] espaço de controle e lugar de possibilidade de criação de novos sentidos [...]”, como “[...] movimento que pode constituir um lugar para a subjetividade do leitor” (MILANEZ, 2004, p. 184) e, acrescentaríamos, do próprio objeto de leitura.

Não se trata, porém, de atribuir a uma imagem do corpo o *status* de real. Sobre isso, Zerner (2008, p. 109-110) nos admoesta, interrogando: “é necessário lembrar que um corpo representado nunca é um corpo real? Ao mesmo tempo, a representação se refere à nossa experiência vivida, e essa experiência não é apenas visual, mas ocupa todos os sentidos; um corpo tem odor, um peso, uma consistência”. Para além de uma discussão que defina a relação entre o objeto e a materialidade de sua representação (FOUCAULT, 2000), exaustiva e primorosamente realizada por Michel Foucault em *As palavras e*

*as coisas*, cujo mote é constituído por uma discussão de um texto de Borges, seguida por uma belíssima análise do quadro *Las niñas*, de Velásquez e, sobretudo retomada no capítulo III “Representar”. Sobre isso, comenta Gregolin (2006, p, 80) que o peremptório, em sua análise, é a constatação de que “por mais que se diga o que se vê, o que se vê não condiz com o que se diz”, cabe refletir sobre o como a imagem plástica figurativa “[...] puede ofrecer testimonio de algunos aspectos de la realidad social que los textos pasan por alto [...]” mesmo que, na contemporaneidade, frequentemente, “[...] es menos realista de lo que parece, y que, más que reflejar la realidad social, la distorciona [...]”. Isso porque “[...] El propio proceso de distorsión constituye un testimonio de ciertos fenómenos que muchos historiadores están deseosos de estudiar [...]” (BURKE, 2005, p. 37).

Abordar o corpo, inscrever-lhe em uma historiografia contemporânea, perturbar o regime silencioso dos documentos oficiais em que era fixado sob bases de verdades históricas absolutas e captar-lhe como um testemunho silencioso na iconografia, instiga a compreensão de que, enquanto discurso, “[...] las imágenes son una forma importante de documento histórico. Reflejan un testimonio ocular” (BURKE, 2005, p. 17), que, por meio da representação visual, “[...] apresenta estilos de existência díspares” (MILANEZ, 2004, p. 185) nos quais, aos sujeitos desses corpos, são imputadas identidades.

Eis a produtividade do discurso imagético: dizer(-se) no silêncio.

## 2.1. Um olhar sobre o corpo negro na iconografia portinariana

A Análise de Discurso, desde sua gênese, na França da década de 1960, até seus desdobramentos no Brasil, tem constituído um fecundo campo de estudos, formulando noções, revis(it)ando conceitos e alcançando diferentes objetos de e para análise. No encaço das pesquisas realizadas em solo brasileiro, o Grupo de Estudos em Análise do Discurso da UEM (GEDUEM) tem se dedicado ao mapeamento e construção de dispositivos que permitam a compreensão e análise do funcionamento discursivo de materialidades imagéticas, em um trajeto temático de compreensão da constituição identitária e da representação visual do sujeito brasileiro marginalizado. Nesse grupo de pesquisa, uma de nossas investigações se interessa pela opacidade e pela não convergência dos sentidos da e na iconografia portinariana. Temos perseguido as condições de exercício da função enunciativa e os processos de subjetivação da mulher negra brasileira nessa materialidade significante. Em específico, nosso olhar tem buscado a compreensão do funcionamento discursivo da representação visual na constituição de efeitos de sentidos sobre essa mulher no quadro que compõe os heterogêneos regimes de (in)visibilidade da identidade nacional.

Enquanto produto da representação visual, portanto, uma prática discursiva, a imagem da mulher negra é circunscrita a uma memória discursiva. Ser negra, nessa iconografia, é inscrever-se em redes de sentido do alhures, no qual o nó do acontecimento do enunciado visual é alinhavado à tramas discursivas complexas. O corpo, como

centralidade dessa representação, “[...] é constituído por reentrâncias significativas que nos permitem verificar de que modo, em seu funcionamento, ele produz, induz, promove, ilustra ou reitera os sentidos do social” (TASSO; CAMPOS, 2011, p. 97).

Ao mobilizar o olhar arqueológico para as condições de possibilidade dos discursos sobre o negro no Brasil, as análises (re)encontram regras de formação que irrompem do regime escravocrata. Essas discursividades, analisadas por Lobo (2008), identifica os enunciados na ordem da exclusão, o que demonstra a articulação dos sentidos de “ser negro” (escravo ou liberto) à condição do ser vagabundo, erótico (ou constitutivamente sexualizado) e criminoso.

Em termos genealógicos, essa coesão discursiva é, enquanto parte das condições de possibilidade dos discursos sobre o negro no Brasil, razão para que, em Portinari, se constitua o primado da contradição, uma vez que o “ser-à-margem” mantém, nas invisibilidades enunciativas, a tensão entre o corpo profano, pela sensualidade que encerra, e a imagem sagrada, pelo ser-mãe, ambas, regularidades na iconografia portinariana.

Ao encontrar um princípio organizador do discurso portinariano, depara-se, também, com o fato de que há, em boa medida, uma conformação discursiva, isto é, um regimento da ordem da linguagem pictórica, mas e sobretudo, da ordem da história e da memória, que doutrina, restringem, excluem e, de fato, constroem a irrupção e a circulação dos discursos em Portinari e em todas as práticas discursivas de uma época, que determinam o que é ou não possível ser dito ou visto, instituindo o que é ou não normal para um dizer.

Propomos, pois, uma retomada do fazer artístico de Portinari na sua dimensão estético-discursiva, com vistas a encontrar no arquivo de suas obras figurativas as pistas deixadas pelo processo de normalização da estética a que se filia e na qual encontram condições de existência os corpos sensuais das mulheres negras que representa.

### 3. Práticas de normalização da estética feminina em Portinari

Pelos princípios arqueogenealógicos, as práticas discursivas de uma época circunscrevem-se a um sistema de regras sob as quais são balizadas as condições de emergência, a condição de existência material e a inscrição dos discursos na ordem do que é dizível e visível. Essa ordenação do que pode ou não ser dito e visto em um dado momento da história é categórica e decisiva e dirime os efeitos do discurso, instituindo, sob uma vontade de verdade, aquilo que pode compor os regimes de (in)visibilidade do dizer e do ver de uma dada época.

Conforme nos explica Foucault (2008b), a norma é estabelecida por um regime, um mecanismo que pode funcionar como fundador de valores, práticas, comportamentos e leis que devem ser seguidas, respeitadas para além de um possível modelo a ser seguido, mas enquanto a verdade na qual e pela qual se fundamenta o modo como o sujeito deve ser. Pela singularidade desse modo de instituir regimes comportamentais vários, aos sujeitos é imputada a necessidade coercitiva (mas e nem sempre repressora) de aderir às normas, procedimento em que ocorre o processo de normalização das práticas discursivas e não-discursivas vigentes na sociedade.



Para Foucault (2008b), desse modo, no âmbito do discurso, é mobilizado o funcionamento dos dispositivos de segurança e mecanismos disciplinares que atuam, comportam e constroem os sujeitos em práticas discursivas severamente ordenadas, cujo objetivo é atender a resultados premeditadamente geridos. Por suas palavras, então,

a normalização disciplinar consiste em primeiro colocar um modelo, um modelo ótimo que é construído em função de certo resultado, e a operação de normalização disciplinar consiste em procurar tornar as pessoas, os gestos, os atos, conformes a esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e o anormal quem não é capaz. Em outros termos, o que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não é o normal e o anormal, é a norma. Dito de outro modo, há um caráter primitivamente prescritivo da norma, e é em relação a essa norma estabelecida que a determinação e a identificação do normal e do anormal se tornam possíveis (FOUCAULT, 2008b, p. 75).

Enquanto produto caro ao propósito da analítica foucaultiana, elegemos o discurso como terreno de observação e voltamo-nos para duas condições de apropriação das discursividades, quais sejam, a de possibilidade e a de existência dos discursos (FOUCAULT, 1996) sobre a mulher negra na iconografia portinariana.

Na sua possibilidade, tais discursos irrompem como representação visual posta sob o regime de uma disciplina do corpo negro, cuja estética é estabelecida por uma normação do que é possível ser posto no plano da (in)visibilidade, como possibilidade disciplinada do fazer

artístico. Na sua existência, flagramos os discursos sobre a mulher negra circunscritos e circunscrevendo o corpo em uma norma, na qual a sensualidade incide e irrompe como possibilidade única e inequívoca de existência na/para a materialização do corpo negro feminino.

Para análise, nos valem das telas *Mulher sentada*, *Negrinha* e *Três figuras*. Chamamos atenção para o que nos parece uma regulamentação da existência desses sujeitos.

Figura 1. Mulher sentada



Figura 2. Negrinha



Figura 3. Três figuras



Reiteram-se, nos corpos representados, a disformização, apagamento e ocultação dos rostos; as formas torneadas, marcadas e desnudas de seios, colos e quadris. Nessa forma peculiar de representação visual, o corpo negro feminino adquire *status* de materialidade significante e a sensualidade emerge como (in)visibilidade do social (CAMPOS; TASSO, 2010). Nas telas, a paisagem desconstruída pela geometria e o vazio psicológico do vanguardismo moderno, fazem deslizar o olhar para a mulher, figura centralizada que concentra em si toda a força representacional.

A estética feminina, na fronteira da regularidade que apresenta e por constituir-se, como prática discursiva, em um campo associado em que são vigentes os discursos que sustentam os ideais modernistas de desconstrução da semelhança, da ruptura com o academicismo e da experimentação, vem ao encontro do que Foucault chamou de normalização. Em específico, fazemos referência ao processo em que as práticas discursivas de uma época são constrangidas a uma determinação de valores, práticas, comportamentos e leis a serem seguidos, respeitados não somente enquanto modelos, mas enquanto a verdade sobre o que e como o sujeito deve ser e dizer. A normalização, portanto, é um dos dispositivos agenciados no exercício do poder. Poder que, na teoria foucaultiana, “[...] não é, justamente, uma substância, um fluido, algo que decorreria disto ou daquilo, mas [...]” que diz de “[...] um conjunto de mecanismos e de procedimentos que têm como papel ou função e tema – mesmo que não o consigam – justamente o poder” (FOUCAULT, 2008b, p. 04).

Porém, o ponto mais importante é evidentemente a relação entre relações de poder e estratégias de confronto. Pois, se é verdade que no centro das relações de poder e como condição permanente de sua existência, há uma ‘insubmissão’ e liberdade essencialmente renitentes, não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual; toda relação de poder implica, então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta, sem que para tanto venham a se superpor, a perder sua especificidade e finalmente se confundir. Elas constituem uma espécie de limite permanente, de ponto de inversão possível (DREYFUS; RABINOW, s.d., 248).

Nesse sentido, podemos determinar que o filósofo sinaliza o modo de exercício do poder estabelecido na posição sujeito identificada na análise da iconografia portinariana. Isto porque, no interior de um confronto de forças estéticas, cujo objetivo é intensificar o projeto modernista de cristalização da identidade mítica nacional, insurge a estética portinariana, (re)inventando novos lugares e papéis sociais, culturais e étnicos. Há, em contrapartida, uma força maior que transpassa esse fazer artístico, disciplinando-o, ou seja, há uma inscrição dessa prática discursiva à normalização do que pode ser dito e visto nas manifestações artísticas do período modernista.

Recorrendo a uma expressão do teórico, a instituição de um *modelo ótimo* às telas de Portinari, cuja temática é a mulher negra, apresenta uma condição de existência à materialidade desse corpo. Os discursos sobre a mulher negra circunscritos e circunscrevendo a materialidade corpórea passa por um processo de normalização, no qual a sexualização do corpo incide e irrompe como possibilidade

única e inequívoca de existência para a materialização do corpo negro feminino nessa iconografia.

Ora, quer isto dizer que, na iconografia portinariana, às condições de possibilidade dos discursos sobre a mulher negra, bem como na própria condição de existência material desses discursos, seu regime de visibilidade, incidem práticas de exercício do poder, um poder silencioso, que engendra o fazer artístico de forma a constrangê-lo em sua emergência, possibilidade e existência. Essa é a condição para que, ao ser representado sob o primado da sensualidade, da (des)semelhança e da deformização, esses corpos sejam significados pelos sentidos do social marginalizado.

#### **4. No movimento dos sentidos o efeito de fim**

A iconografia portinariana, na singularidade circunstanciada de sua irrupção como acontecimento discursivo, pode ser considerada como parte do acervo cultural a partir do qual se erigiu o projeto modernista de produção/cristalização de uma identidade nacional. As telas de Portinari constituem um arquivo, de cuja formalização derivaram enunciados por meio dos quais podemos apreender a constituição identitária e a representação visual da mulher negra brasileira.

Tutelados pela analítica foucaultiana dos discursos, neste trabalho, trafegamos por um percurso investigativo buscando encontrar o corpo negro feminino não apenas em sua corporeidade, em sua compleição biológica e física, mas na sua constituição mesma como discursividade, como materialidade inscrita na história e cujos sentidos são produzidos pelos regimes normativos nos quais essa ma-

téria é posta em revista (MILANEZ, 2006; 2008) e pelos quais ela irrompe como prática discursiva (FOUCAULT, 2008b). As imagens desses corpos instituem um programa de leitura próprio, e instauram um regime do olhar sobre si para mitigar a força dos sentidos cristalizados, bem como para demonstrar o regime normalizador a que atende para que seja condição enunciativa do enunciado visual na iconografia portinariana.

## Referências

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: LIMA, Luiz Costa (org). *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 205-240.

BURKE, Peter. *Visto y no visto: el uso de la imagen como documento histórico*. Traducción de Teófilo de Lozoya. 1. ed. Barcelona: Crítica, 2005.

CAMPOS, Jefferson Gustavo dos Santos; TASSO, Ismara Eliane Vidal de Souza. Matizes de sentidos na iconografia portinariana: a sensualidade como (in) visibilidade do social na representação da mulher negra brasileira. In.: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 1; COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, 4, 2010, Maringá. *Anais...* Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2010.

DREYFUS, Hubert L.; RABNOW, Paul. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica – Para além do Estruturalismo e da Hermenêutica*. Trad. de Vera Porto Carrero. S.l.: Forense Universitária, S.d.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996. (Coleção Leituras filosóficas).

\_\_\_\_\_. Nietzsche, a genealogia e a história. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Introdução, organização e tradução de Roberto Machado. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998, p. 15-37. (Biblioteca de Filosofia e História das Ciências vol. 7).

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das Ciências Humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. 2. tir. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção Tópicos).

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. 3. reimpr. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a. (Coleção Campo Teórico).

\_\_\_\_\_. Segurança, território e população: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução de Eduardo Brandão.. Edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de Françoise Ewald e Alessandro Fontana. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008b. (Coleção Tópicos).

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: diálogos e duelos*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2006.

LOBO, Lilia Ferreira. Corpo cativo e corpo assujeitado: as marcas da deficiência. In: \_\_\_\_\_. *Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MILANEZ, Nilton. A disciplinaridade dos corpos: o sentido em revista. In: NAVARRO-BARBOSA, Pedro; SARGENTINI, Vanice (orgs.). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004, p. 183-200.

\_\_\_\_\_. O corpo é um arquipélago: memória, intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, Pedro (org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 153-179.

TASSO, Ismara Eliane Vidal de Souza; CAMPOS, Jefferson Gustavo dos Santos. Stances of (in)visibility of the female negro body: focusing on portinari's pictorial aesthetics. *Acta Scientiarum: language and culture*, Maringá, v. 32, n. 2, p. 163-170, 2010.



\_\_\_\_\_. Fronteiras do social na iconografia portinariana: identidade e representação do corpo negro feminino em (com)tradições. In.: POSSENTI, Sírio; BENITES, Sônia Aparecida Lopes. *Estudos do texto e do discurso: materialidades diversas*. São Carlos: Pedro e João, 2011, p. 83-104.

ZERNER, Henri. O olhar dos artistas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *Historia do corpo: da revolução à Grande Guerra*. Tradução de João Batista Kreuch e Jaime Clasen. vol. 2. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 101-139.

# A ordem do discurso dos anúncios de beleza da revista *Careta* (1908-1910)

Alessandra Gomes Coutinho Ferreira

Resumo: Ao se cotejar algumas edições da revista *Careta*, no acervo digital da Biblioteca Nacional, verificou-se um número expressivo de anúncios publicitários destinados às mulheres, versando sobre produtos de beleza e de higiene, signos da “busca” de um corpo belo. A fim de investigar a ordem do discurso da beleza e da higiene publicados na revista *Careta*, com o intuito de apreender a construção de identidades femininas representativas do perfil de uma “nova mulher” relacionou-se o referencial teórico da Análise do Discurso francesa - Foucault (2008a/2008b), Milanez (2010) -, com os referenciais teóricos dos Estudos Culturais - Hall (2000/2006), Woodward (2000) e Silva (2000) sobre as questões de identidade.

Palavras-chave: Discurso. Identidade. Mulheres. Beleza. Higiene.

## The order of discourse of beauty ads of the *Careta* magazine (1908-1910)

Abstract: When comparing some editions of the magazine *Careta*, in the digital collection of the National Library, there was an expressive number of advertisements aimed at women, dealing with beauty and hygiene products, signs of the “search” for a beautiful body. In order to investigate the order of the discourse of beauty and hygiene published in the *Careta*

---

Alessandra Gomes Coutinho Ferreira é Professora do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB. Mestre em Linguística – UFPB.

magazine, with the intention of apprehending the construction of feminine identities representative of the profile of a “new woman”, the theoretical reference of the French Discourse Analysis - Foucault (2008a / 2008b), Milanez (2010) -, with the theoretical references of Cultural Studies - Hall (2000/2006), Woodward (2000) and Silva (2000) on identity issues.  
Keywords: Order of discourse. Identity. Women's. Beauty. Hygiene.

## Introdução

O discurso publicitário destinado aos públicos masculino e feminino percorria diversos jornais e revistas que circulavam no Rio de Janeiro – então capital do Brasil, sede do governo republicano – na primeira metade do século XX, refletindo uma tendência desenvolvida ao longo desse século de retratar nas páginas ilustradas das revistas uma “crônica” dos costumes, das relações sociais e políticas, ou seja, dos aspectos significativos da vida cotidiana e das novidades que circulavam no tempo e cenário da classe burguesa. Essa singularização parece pontuar determinada sociedade, ao mesmo tempo, que desencoraja qualquer generalização classificadora dos códigos de cortesia e hábitos de beleza.

Ao se cotejar, duas edições do mês de junho da revista *Careta* do ano de 1908 e sete edições dos meses de janeiro, março, julho, agosto, outubro e dezembro do ano de 1910, no acervo digital da Biblioteca Nacional, verificou-se um número expressivo de anúncios publicitários destinados às mulheres apresentando produtos de beleza e de higiene para promover visualmente a consolidação de um corpo belo, jovem, limpo e, sobretudo saudável. Estes tipos de anúncios

são simbólicos, por pontuar a “latência” de uma mulher mítica, no sentido de promover uma releitura dos mitos da beleza da estética grega, mito fundante dos ideais pedagógicos do universo simbólico do mundo ocidental. Vale ressaltar os receptores/leitores da revista que não se resumem a um público masculino, mas também mulheres pertencentes a segmentos sociais da elite econômica imbuídos pela reforma de higienização do Rio de Janeiro, do começo do século XX, mais compatível às modernidades como higienização da cidade, oferecendo um equilíbrio histórico na organização da cidade.

Sabe-se que a mídia é um lugar em que se produzem e em que circulam diversos tipos de identidade que são controladas, selecionadas, organizadas e redistribuídas por ela, como forma de controle do acontecimento histórico. Sendo assim, questiona-se: o que significa ser mulher no início do século XX? Que identidades femininas são construídas discursivamente nos anúncios de beleza e de higiene da revista *Careta*? Quais as consequências dessas construções identitárias para a vida cotidiana? O que se seleciona e o que se interdita nessa construção?

A partir desses questionamentos e considerando o elo entre discurso e identidade, procura-se analisar como a publicidade constrói discursivamente as identidades femininas nos primórdios do século em questão, tendo em vista que o discurso publicitário dos anúncios de produtos de beleza e higiene revela as relações de poder das quais as mulheres devem se apoderar.

## A revista Careta no início do século XX

Convertida em discurso, a beleza inunda a imprensa, confiando às imagens a representação incessante e exorbitante de suas graças. [...] Não há beleza sem saúde. (DEL PRIORE. *Histórias e conversas de mulher*).

A revista nesse trabalho é compreendida como um suporte em que circulam construções identitárias. Estas se constituem através das relações de saber-poder reguladas e controladas pela sociedade. A leitura de revistas permite a experiência de entrar em contato com os discursos que circulavam em uma determinada época e que eram significativos por revelarem as formas de pensar e sentir de um sujeito social. No início do século XX, a classe média ascendia no país. Ampliavam-se nas cidades, especialmente para as mulheres, novas possibilidades de acesso à informação, lazer e consumo.

No início do século XX, as transformações tecnológicas e científicas refletem a vida cotidiana e a reorganização das cidades caracterizando um período que ficou conhecido como *Belle Époque*. A indústria gráfica foi inovadora e o mercado editorial lançou centenas de títulos com um novo visual e em cores. A *Revista da Semana*, publicada em 1900, é a primeira que utiliza o registro fotográfico em suas páginas, constituindo um grande avanço para a época.

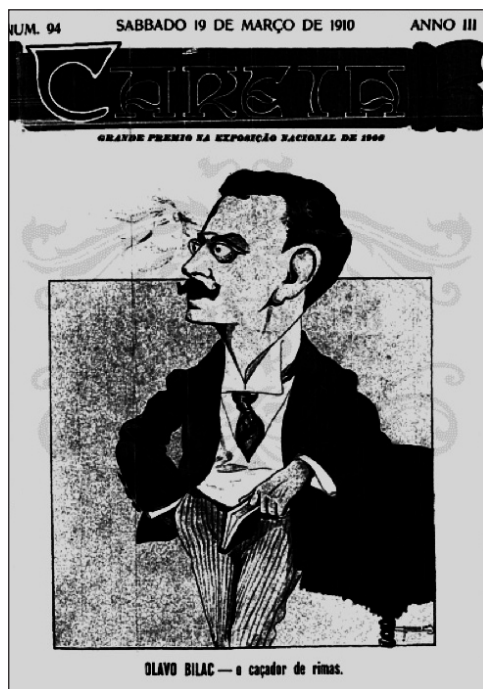
O formato revista além de possibilitar a compreensão das construções identitárias de uma época, apresenta uma relação intrínseca com a imagem, pressupondo ora ilustração (século XIX), ora fotografia (século XX). E muitas são as imagens que percorrem os

gêneros discursivos na concepção de Bakhtin (2011, p. 262), “tipos relativamente estáveis de enunciados” que circulavam - notícias, reportagens, editoriais, charges, caricaturas, anúncios, palavras cruzadas, adivinhações, entre outros - nas revistas no início do século XX. A imprensa se profissionaliza e acompanha o crescimento da industrialização nacional. Com as transformações científicas e tecnológicas promovidas durante a nova ordem social republicana, houve espaço para todo tipo de publicação cultural, humorística, mundana, informativa.

Segundo Costa (2012), os leitores ávidos pelo conhecimento dos efeitos da modernidade serão atendidos por revistas como, *Kósmos* (1904-1920), *Careta* (1908-1960), *O Malho* (1902-1954), entre muitas outras publicações. Na primeira revista, os temas versavam sobre Literatura, Ciência, Artes e História, assim como os problemas nacionais e municipais. Nas revistas *Careta* e *O Malho*, os leitores acompanharam a narrativa dos fatos sociais, políticos e culturais de forma bem-humorada.

A revista *Careta* teve sua primeira edição publicada no dia 06 de junho de 1908. Publicada aos sábados, era uma revista semanal destinada ao público em geral, “com P maiúsculo” conforme pode ser verificado no primeiro exemplar, cujo programa cifra-se “unicamente em fazer caretas”. De acordo com o editor “as nossas caretas são sérias como as sessões do Instituto Histórico e a sua perfeição e semelhança garantidas”. Além disso, esta revista trazia em suas páginas poemas do poeta parnasiano Olavo Bilac, Alberto de Oliveira entre outros nomes que representavam a elite culta e literária da época. Na capa da edição de número 94 de 19 de março de 1910,

tem-se o desenho de Olavo Bilac. Além de desenhos de poetas, as páginas da revista estampavam desenhos de políticos do início do século, ora com seriedade, ora através de caricaturas, ora os mesmos políticos fazendo careta como sugeria o programa da revista.



Fonte: Revista Careta, nº 94,  
de 19 de março de 1910

Neste período, houve também a preocupação em encontrar mercados consumidores para os produtos industrializados, produzidos em larga escala e destinado ao consumo em massa. Houve um grande avanço na produção industrial do Brasil e os produtos dessa indústria precisavam ser distribuídos e vendidos. Os anúncios publici-

tários prezam em sua natureza pela venda dos produtos anunciados, mas por trás desse marketing de venda, têm-se questões simbólicas, valores e significações culturais que norteiam as escolhas do público consumidor, que busca o Novo e a expressão de uma individualidade em uma sociedade reestruturada pela sedução e pelo efêmero.

A revista de variedades *Careta* foi uma das mais populares do período, afinal era uma revista ilustrada que tinha a caricatura como mote, utilizava-se do humor para satirizar os costumes e da divulgação de diversos tipos de produtos industrializados para moldar os novos comportamentos sociais que deviam ser seguidos. Como divulgadora de produtos de beleza e de higiene, a revista *Careta* confirma a afirmação de Martins (2012, p. 69) sobre o novo papel da mulher na sociedade “conformava-se a mulher ao mercado do impresso, não apenas como leitora, mas como produtora de textos e periódicos, assim como consumidora de produtos anunciados pela imprensa”.

## Na ordem do discurso dos anúncios de beleza e higiene da revista *Careta*

Ninguém entrará na ordem do discurso se não  
satisfizer a certas exigências ou se não for,  
de início, qualificado para fazê-lo.  
(FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*).

A edição número três da revista *Careta* de 1908 apresentou em uma de suas páginas um texto que sintetiza a importância dos anúncios nos primeiros anos do século XX, com o título *Annuncios e...*



*annuncios*<sup>1</sup>. O texto não apresenta assinatura do seu redator. Mas como o mais importante é o que foi dito, lê-se.

Ninguém ignora o poder dos anúncios. Neles reside o segredo do assombroso comércio moderno. Não há jornal que não tenha dedicado a essa instituição, relativamente nova, os panegíricos mais calorosos e mais sinceros. Quanta droga fundamental da civilização não estaria ainda na modesta obscuridade do nada, se não fosse o reclame. Que seria das empresas funerárias e do rendimento dos cemitérios, se não fossem os anúncios de remédios? Pensam que só os médicos bastavam para enriquecer essas empresas? Cada novo elixir que se proclama pelas mil bocas da imprensa, são mil covas que se abrem e mil enterros para a Santa Casa, com o que lucram ela e todos nós. Em geral os anúncios são leais e úteis. O boticário que apregoa o seu Xarope de banha de grilo infalível contra o estômago Vidro 3\$000 - está no seu direito. E toma lá da cá compra quem quer e o freguês sabe o que leva. Mas há também anúncios vagos, misteriosos, que se leem por toda a parte, menos na *Careta*, e que nem sempre são de boa fé.

A partir deste texto, observa-se que os anúncios são tidos como uma instituição que representa os interesses do comércio moderno. Eles apresentam como características essenciais à lealdade e a utilidade, além de garantir que na revista em questão, os anúncios veiculados são de confiança, isto é, não são vagos e muito menos misteriosos.

Para se compreender o universo discursivo dos anúncios publicados na revista *Careta*, partiu-se da seguinte definição “para se

---

1. Optou-se por manter a forma ortográfica de como o título do texto sobre anúncios foi registrado em 1908.

apreender uma ordem discursiva é preciso considerar a existência de uma (des) ordem que a precede”. (MILANEZ, 2010, p. 7). Esta afirmação é pontual no sentido em que o autor utiliza o termo (des) ordem para caracterizar os diferentes tipos de relações temporais e espaciais intrínsecos aos gêneros discursivos, dos diferentes tipos de suportes e formatos, da rede que envolve a produção, a circulação e a recepção dos textos que são “as matérias-primas dos discursos”. Ao delimitar os diferentes contextos e as condições de produção do discurso, percebe-se o que o autor busca de fato: a ordem discursiva entrelaçada nos textos. O termo (des) ordem está associado ao que Foucault (2008b) chamou de dispersão dos enunciados<sup>2</sup> em seu livro *A Arqueologia do Saber*,

A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva<sup>3</sup> constituem uma única e mesma coisa; [...] a formação discursiva se caracteriza [...] por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidade, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados [...] são caracterizados por sua modalidade de existência (FOUCAULT, 2008b, p. 132).

---

2. O enunciado para Foucault (2008b, p. 121) “é a modalidade que lhe permite estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras performances verbais, estar dotado, enfim, de uma materialidade repetível”.

3. Foucault (2008b, p.122) entende como formação discursiva “o princípio de dispersão e de repartição, não das formulações, das frases, ou das proposições, mas dos enunciados (no sentido que dei à palavra)”.

Foucault advertiu que era perigoso e inquietante entrar na ordem do discurso, diante da realidade material de algo pronunciado ou escrito e diante da existência transitória destinada a se apagar em que se podem descobrir relações de dominação e de submissão, isto é, devido à ligação que o discurso mantém com o desejo e o poder. Sabe-se que em toda sociedade a produção discursiva é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos”, isto é, a sociedade possui meios de controlar os seus discursos. A palavra ordem põe o discurso na condição de acontecimento, ou seja, permitindo que se vislumbre um conjunto de regras intrínsecas às práticas discursivas que emergem da história.



Para espinhas  
Para manchas  
Para a cutis  
Para o cabelo  
Para a caspa  
Para limpar  
Aformosear

**A PELLE**  
Devo-se usar o

**Sabão**  
**ARISTOLINO**

Oliveira Junior

Em forma líquida e agradavelmente perfumado

Composto de soberanos e poderosas vegetaes da Flora Brasileira, de acção curativa surpreendente na cura das diversas MOLESTIAS EXTERNAS, o este sabão um poderoso.

Fonte: Revista *Careta*, edição nº 1, de 6 de junho de 1908

Sendo assim, ao se deparar com anúncios de beleza e de higiene veiculados pela revista *Careta* no início do século XX, podem-se verificar alguns procedimentos de escolhas e exclusões no anúncio do *sabão Aristolino*.

As moléstias que envolvem a pele devem ser evitadas com o uso desse sabão. Na descrição do texto verbal e não verbal do anúncio, percebe-se uma relação de poder entre a voz, reconhecida socialmente como tal, enunciando um produto que garante a conquista da higiene e da beleza para um público feminino. Logo, não há espaço para a feiura, a sujeira e a doença no Rio de Janeiro nos primeiros anos desse século. Deve-se cultivar um corpo belo, jovem e são e os produtos de beleza e higiene são elementos que auxiliam essa conquista, revelando os efeitos do poder que agem sobre o sujeito e o modo como este deve responder aos efeitos buscando a beleza.

Verifica-se que a beleza e a higiene são fatores indissociáveis no início do século, pois se anuncia um sabão que tem entre suas propriedades a capacidade de limpar a pele e o couro cabeludo de “moléstias externas” indesejadas ao corpo feminino, ao enunciar “para espinhas, para a cútis, para o cabelo, para a caspa, para limpar, aformosear a pele”. Os elementos descritos referendam que este corpo externo<sup>4</sup> deve ser limpo e bonito com o uso do *sabão Aristolino*.

No texto não verbal verifica-se a reatualização da narrativa de Rapunzel. Personagem feminina de contos de fadas conhecida e re-

---

4. Utiliza-se a categoria corpo externo para os anúncios de beleza e higiene, porque nos anúncios de remédios veiculados na revista *Careta* havia a referência ao corpo interno através dos anúncios de medicamentos para as doenças do coração, dos pulmões, do fígado, do estômago.

ferendada por sua vasta cabeleira, dotada de força e beleza capaz de fazer uma bruxa e um príncipe utilizá-la como uma “corda” para adentrar a torre do castelo na qual vivia presa. Na imagem do anúncio em questão, observam-se duas mulheres, com longos cabelos negros, próximas a uma janela. Uma delas está debruçada na janela lançando sua vasta cabeleira a uma amiga que está no lado de fora, na rua, tocando os cabelos lançados pela amiga com a finalidade de testar sua força e cuidados.

O anunciante divulga o seu produto utilizando uma estratégia discursiva que permeia o imaginário social da limpeza e da beleza feminina. “Os sabonetes perfumados e coloridos apareciam na propaganda impressa como grandes amigos dessa higiene corporal rigorosa, com a vantagem, ainda, de contribuir para aumentar os atrativos de quem os utilizasse” (SANT’ANNA, 2011, p. 307).

Constrói-se discursivamente um rosto que deve ser limpo, sem espinhas e manchas, sinônimo de uma pele perfeita; um cabelo limpo e forte tal qual o da narrativa de Rapunzel constituindo-se assim uma imagem feminina de rara beleza. A descrição da ação do produto “composto de soberanos e poderosos vegetais da flora brasileira de ação curativa surpreendente na cura das diversas moléstias externas, é este sabão um poderoso” sinaliza a ação de curar. A escolha desse verbo é perigosa na ordem do discurso da higiene e da beleza porque se subtende que as mulheres que possuíam espinhas ou caspas e não possuísem condições financeiras de adquirir “poderoso” produto a fim de “curar”, “limpar” e “aformosear” seu rosto e cabelo, estariam excluídas da construção da imagem arquetípica de Rapunzel, como modelo de mulher bela e limpa. A mulher deve ser limpa,

a pele não deve ter espinhas e nem manchas, os cabelos devem ser longos e sem caspa. Se tiver espinhas, manchas e caspas é sinal de feiura e doença, logo deve ser curada.

Observa-se também nesse anúncio, a relação entre a tríade – saber, ordem, e verdade. Identificou-se a vontade das mulheres em conhecer o desenvolvimento da civilização e dos progressos industriais do país, a ordem do discurso da beleza e da higiene imposta pela instituição publicitária que regula o que deve ser vendido e/ ou consumido e o desejo de verdade explícito nos enunciados se coadunam em feixes de relações de poder, pois segundo Foucault o que é considerado verdadeiro numa época está ligado ao sistema de poder.

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2011, p.12).

A verdade sobre o discurso da beleza intrínseco aos anúncios publicitários de produtos cosméticos de higiene e beleza da revista *Careta* foi produzida através de coerções veiculadas nos anúncios de forma implícita sinalizando que não havia espaço, na sociedade carioca dos primeiros anos do século XX, para a feiura, a sujeira e a

doença. O anúncio do *sabão Aristolino* produz efeitos regulamentados pelo poder associado ao “regime de verdade” de uma sociedade em busca da consolidação do novo regime republicano. A cidade se modernizava, as ruas se ampliavam, buscava-se o embelezamento arquitetônico da capital federal em um macroespaço e o embelezamento dos corpos femininos em um microespaço, sabendo-se que “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2008a, p. 9). Logo para Foucault e para a AD, as verdades são construções históricas.

Como se pode perceber, a palavra ordem foi compreendida na análise discursiva do anúncio publicitário em um sentido amplo. Ordem implica execução de uma ação, de forma metódica, seguindo regras previamente regulamentadas. Viu-se na análise que a execução da ação consistia em vender o *sabão Aristolino* garantindo a cura de *moléstias externas* ao corpo, o método selecionado foi à descrição dos elementos que seriam combatidos e inutilizados, transformando a higiene e a beleza feminina como o lugar social a ser desejado pelas novas mulheres.

## A construção de identidades femininas

Era fundamental que ela cuidasse em manter a boa aparência, pois se embelezar era uma obrigação:  
[...] Um homem que tem uma esposa atraente em casa esquece a mulher que admirou na rua.  
(DEL PRIORE, *Histórias e conversas de mulher*)

Como se afirmou anteriormente, a interface entre a AD e os estudos culturais nesse trabalho se justifica pela compreensão do conceito de identidade como uma construção discursiva da sociedade na qual está inserida e pela compreensão dos conceitos de higiene e beleza como construções culturais representativas dos padrões sociais de uma determinada época. Nesta seção, serão demonstradas como foram construídas identidades femininas – modelos a serem seguidos pelas mulheres do início do século XX, de acordo com as novidades trazidas pela *Belle Époque* e pela nova ordem social produzida por meio de oposições binárias: bela e feia, jovem e velha, limpa e não limpo, saudável e doente.

Nos anúncios de beleza e higiene as marcas de presença das relações de poder extrapolam a oposição binária incluir/excluir. Surge uma marca ainda mais sutil com o nome de “normalizar”. Nessa seção, trata-se da normalização do comportamento feminino no início do século XX a partir de anúncios de produtos de beleza. A normalização se dá mediante processos de classificação a partir das construções identitárias.

A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa (SILVA, 2000, p. 83).



As identidades ser bela, ser jovem e ser limpa são, mais uma vez, repetidas mediante processos de classificação. O anúncio do produto *Água da Beleza* ou *A Pérola de Barcelona* revela algumas classificações – *belas, risonhas, deliciosas*. Estas classificações se impõem porque outras classificações a negam – feias, horrorosas, tristes, antipáticas, aguadas, insossas. Essas classificações comprovam que identidade e diferença estabelecem uma estreita relação de dependência. Quando se constrói uma identidade como a “mulher é bela”, subtende-se a negação de outra identidade como a “mulher é feia”. As expressões do anúncio do produto se refere ao diferente – a feia, a triste, a aguada – só constroem sentidos se compreendidas em conjunto com as afirmações sobre as identidades – belas, risonhas, deliciosas.

SI VV. EXMAS. QUIZERM FICAR BELLAS, RISONHAS E DELICIOSAS



Use a afamada  
*Água da Beleza*  
OU A  
*Perola Barcelona* de  
**L. Queiroz & Cia.**

As manchas do rosto, vulgarmente conhecidas por pannos, as espinhas, os cravos que tanto enfeiam a pelle, desaparecem como por encanto com o emprego da *Água da Beleza*

Toda a moça elegante deve ter em sua toilette um frasco de — *ÁGUA DA BELLEZA* —

A *ÁGUA DA BELLEZA* não quimica nem irrita a pelle e não agrava euzi na preparaçã e sumitara. — *ÁGUA DA BELLEZA* ou a *PEROLA DE BARCELONA* para a hygiene e conservaçã da cutis.

A venda em todas as perfumarias e drogarias e nas seguintes casas: Casa Cirio, rua Ouvidor, 303; C. Babin & C., Avenida Central, 110; Abel & C., Varinas de Louis Hermann & C., Gonçalves Dias, 99 e Avenida Central, 128; A. Garza Grande, Uruguaiana, 100; Raimon Sobrinho, & C., Honório, 11; Coelho Bastos & C., Dutra, 42 e 44; Modesto; Perfumaria Nafés, rua do Theatro, 2; J. R. Kahlitz, rua Sete de Setembro, 104. — Em S. Paulo L. Queiroz & C.

Agente Geral e Representante: M. LEITE SAMPÃO, rua São Bento n. 13 — Rio de Janeiro.

Fonte: Revista Careta, nº 115, de 13 de agosto de 1910

No anúncio da Água de Beleza normalizam-se os sentidos construídos pelas palavras bela, risonha e deliciosa. O poder que é manifesto neste exemplo é sutilmente sugerido ao pensar que havia mulheres feias, mulheres tristes, mulheres apáticas, mulheres azedas, mulheres aguadas, mulheres insossas que não se adequavam a ordem discursiva do início do século. A normalidade do século e a ordem do discurso estavam nas características positivas das mulheres belas, das mulheres risonhas e das mulheres deliciosas. Sendo assim, as mulheres que não se encaixavam nesse padrão eram avaliadas de forma negativa.

No texto não verbal do anúncio, observam-se três mulheres bonitas e sorrindo. Seus corpos são revelados através do colo, algo impensável ao longo do século XIX em que o corpo deveria estar sempre coberto conforme pregava o sistema da moda da época. As mulheres estavam postas em uma janela rodeada de flores, que em uma relação metonímica são tão bonitas quanto às belas senhoras. Os cabelos das mulheres são negros e adornados com flores e a pele de ambas é branca. Outro anúncio desse mesmo produto faz referência a importância da alvura da pele como signo de distinção e elegância. O que estava na enunciação é que as mulheres deveriam tornar-se brancas, o que explica nos anos 20 a profusão dos famosos cremes de arroz que garantiriam a brancura feminina.

No texto verbal, revela-se a sequência classificatória que deve ser evitada e tratada – manchas do rosto, espinhas, cravos. Essa sequência enfeia a pele e esta deveria ser bela e poderia se tornar bela. A Água de Beleza mostrará seu efeito mágico - *os panos e as espinhas desaparecem como que por encanto* - se as mulheres escolhe-

rem usá-la. E o anúncio extrapola este primeiro conjunto de classificação, apostando na sedução do público leitor “toda moça elegante deve ter em sua *toilette* um frasco de Água de Beleza”. E ataca os concorrentes do produto “A Água de Beleza não queima nem irrita a pele como acontece com os preparados similares – Água de Beleza ou *A Pérola de Barcelona* para a higiene e conservação da *cútis*”.

A leitura de outro anúncio do mesmo produto permitiu que fosse recuperado o sentido do nome *A Pérola de Barcelona*, do adjetivo *afamada* e aponta a preocupação com o envelhecimento da pele ao destacar a importância do uso do produto para dar elasticidade a pele e combater as indesejáveis rugas.

Faz desaparecer as rugas porque dá a pele mais elasticidade. É a única privilegiada por Suas Majestades Reais da Espanha. É conhecida e usada com grande sucesso na Espanha e nas Repúblicas do Prata, sendo por isso que as Orientais, Argentinas e Espanholas conservam sempre encantadoramente atraente e aveludada a pele do seu rosto e do seu colo. Experimentai e não deixareis mais de usar a afamada Água da Beleza ou A Perola de Barcelona. (REVISTA CARETA, nº 135 de 31 de dezembro de 1910).

Entende-se por *A pérola de Barcelona* o fato de ser um produto reconhecido internacionalmente e ser de uso rotineiro das majestades reais da Espanha. Se as rainhas usam, todas as mulheres devem usar. A referência às rainhas da Espanha dialoga com a referência a rainha do Egito analisada anteriormente. O padrão de beleza Real é o modelo desejado e que deve ser seguido. O adjetivo *afamada* se

justifica porque mulheres de diferentes nacionalidades não só conhecem como usam o produto – orientais, argentinas e espanholas, logo as mulheres brasileiras devem conservar os encantos e o veludo da pele para serem e/ou tornarem-se atraentes como as estrangeiras. Um conselho é dado: *Experimentai*.

Segundo Pinsky (2012, p. 470), “é importante conhecer as representações que prevalecem em cada época, pois elas têm a capacidade de influenciar os modos de ser, agir e sentir das pessoas, os espaços que elas ocupam na sociedade e as escolhas da vida que fazem”. A ordem discursiva na feminilidade não admitia o envelhecimento, havia uma busca pelo mito da eterna juventude através da publicidade de produtos de beleza e de higiene que podiam operar “milagres” desde que fossem consumidos e tidos como verdadeiros discursivamente.

## Considerações finais

Ser mulher no início do século XX, precisamente entre os anos de 1908 e 1910, a partir dos anúncios dos produtos de beleza da revista *Careta* era buscar incansavelmente as identidades de beleza, de juventude e de higiene que moldavam o comportamento feminino do país que se pretendia civilizado e moderno. A participação da mulher na sociedade como leitora de revista reitera uma concepção de mulher moderna, aquela que lê e compartilha uma revista direcionada ao público, essencialmente masculino, mas que metalinguisticamente afirma-se como mulher em busca da sua essência feminina: ser coquete, ser bela. Assim sendo, essa ligação texto/enunciado é fundamental para se entender a necessidade de comprar, usar os

produtos de beleza compondo eixos que resultam em mudanças higiênicas nos enunciados dos anúncios.

As identidades da mulher prendada, caprichosa, organizada somavam-se às identidades da mulher bela e bem-humorada. Os anúncios foram os porta-vozes dessas mudanças que paulatinamente afirmaram o novo padrão de beleza feminino sob a égide da higiene e juventude e a instauração da modernidade. As consequências das novas construções identitárias para a vida cotidiana eram a exclusão das mulheres que não se adequavam a nova ordem social e aos parâmetros simbólicos vigentes.

A organização discursiva dos anúncios comprovou que a publicidade combina a dimensão textual, a prática discursiva e a prática social apresentando os primeiros movimentos de saída da mulher do ambiente doméstico ao ambiente público das ruas, associados a processos sociais e culturais mais amplos. A prática ancestral dos cuidados com a beleza pelo uso de cosméticos – deusas, rainhas e princesas - se manteve constitutivamente marcada e atualizada pelos novos tempos como “novas” formas de ver as mulheres ou o que se pensava sobre elas. Analisar os discursos dos anúncios de beleza e higiene da revista *Careta*, tendo como pressuposto o conceito *foucaultiano* de ordem do discurso, permitiu a compreensão da formação, da circulação e da transformação das práticas discursivas verbais e não verbais do discurso publicitário. Os discursos de beleza e de higiene institucionalizados pela revista *Careta* permitiram a verificação da construção e do funcionamento desses discursos como uma relação de saber-poder.

## Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

*Careta*. Rio de Janeiro. Ano 1. Edição nº 1, 6 de junho de 1908.

*Careta*. Rio de Janeiro. Ano 1. Edição nº 3, 20 de junho de 1908.

*Careta*. Rio de Janeiro. Ano 3. Edição nº 87, 29 de janeiro de 1910.

*Careta*. Rio de Janeiro. Ano 3. Edição nº 94, 19 de março de 1910.

*Careta*. Rio de Janeiro. Ano 3. Edição nº 110, 9 de julho de 1910.

*Careta*. Rio de Janeiro. Ano 3. Edição nº 115, 13 de agosto de 1910.

*Careta*. Rio de Janeiro. Ano 3. Edição nº 122, 1º de outubro de 1910.

*Careta*. Rio de Janeiro. Ano 3. Edição nº 134, 24 de dezembro de 1910.

*Careta*. Rio de Janeiro. Ano 3. Edição nº 135, 31 de dezembro de 1910.

COSTA, A. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.

DEL PRIORE, M. *Conversas e histórias de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2008a.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.

HALL, S. *Quem precisa da identidade?* In: SILVA, T. T. da. *Identidade*

e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P. 103-133.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomáz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

MARTINS, A. L. *Imprensa em tempos de Império*. In: História da imprensa no Brasil. Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (organizadoras). São Paulo: Contexto, 2012. P. 45-80.

MILANEZ, N. GASPAR, N. R. *A (des) ordem do discurso*. Nilton Milanez, Nádea Regina Gaspar (orgs.). São Paulo: Contexto, 2010. P. 7-14.

PINSKY, C. B. *Imagens e representações 1: a era dos modelos rígidos*. In: Nova História das Mulheres. Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro (orgs.). São Paulo: Contexto, 2012. P.469-512.

SANT'ANNA, D. B. *Higiene e higienismo entre o Império e a República*. In: História do corpo no Brasil. Mary Del Priore, Marcia Amantino (orgs.). São Paulo: Editora Unesp, 2011. P. 283-312.

\_\_\_\_\_. *Corpo e beleza: sempre bela*. In: Nova História das Mulheres. Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro (orgs.). São Paulo: Contexto, 2012. P. 105-125.

SILVA, T. T. da. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, T. T. da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P. 73-102.

WOODWARD, K. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, T. T. da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P. 7-72.

# A (re)produção do estereótipo nas piadas: sobre os sentidos do humor

Elaine Maria Rocha

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é lançar um olhar reflexivo sobre o processo discursivo de produção/reprodução de estereótipos sobre o sujeito homossexual veiculado através das piadas. Como corpus, serão analisados textos de piadas cuja temática retrata atitudes e práticas ligadas a um “modo de vida gay”. A análise será referendada teoricamente pelos estudos do Sujeito e Identidade na Análise do Discurso, bem como os trabalhos de Müller (2000) e Possenti (1998) sobre os homossexuais e o humor, respectivamente. Aqui não se objetiva apenas o aspecto linguístico da piada, mas seu funcionamento sócio discursivo. Pois é no âmbito da discursividade e produção dos sentidos que se constata a ação do humor, que se apropria das figuras e modelos de representação minoritária e lhes imprime estigmas e estereótipos, quase sempre depreciativos.

**Palavras-chave:** Estereótipo. Identidade. Sujeito. Humor

## The (re)production of the stereotype on the joke: about the meanings of humor

**Abstract:** This work aims to make a reflection on the discursive process of production/reproduction of stereotypes about the homosexual subject

---

Elaine Maria Rocha é Doutora em Linguística e docente na Universidade do Estado do Amazonas – UEA.



transmitted through the jokes. As a corpus, texts of jokes will be analyzed whose themes portray attitudes and practices related to a “gay way of life”. The analysis will be theoretically supported by the studies of Subject and Identity in Discourse Analysis, as well as the works of Müller (2000) and Possenti (1998) on homosexuals and humor, respectively. This work does not only focus on the linguistic aspect of the joke, but its discursive social functioning. For it is in the context of the discursivity and production of the senses that the action of the humor is verified, that it appropriates the figures and models of minority representation and it gives them stigmas and stereotypes, almost always depreciative.

Keywords: Stereotype. Identity. Subject. Humor

## I. Introdução

Não é recente o uso que a sociedade tem feito do humor como instrumento para satirizar e questionar seus valores, manifestações sociais, seus símbolos e fatos históricos. Desse modo, a piada tornou-se um recurso ideal para se criticar, discordar, e até ridicularizar determinado tema sem correr o risco de comprometimentos posteriores, pois o riso atenua a seriedade de tal atitude.

Contudo, o discurso humorístico nem sempre se mostra de todo ingênuo; no momento em que se conta uma piada, esse discurso jocoso é atravessado por outros, *grosso modo*, preconceituosos, que se constroem coletivamente. É neste ponto que se inscreve o intento do trabalho ora exposto; lançar um olhar mais reflexivo sobre o processo de elaboração de uma identidade estereotipada do gay através das piadas.

Eis portanto, a questão proposta neste estudo: estariam as piadas sobre gays apenas legitimando um arquétipo de homossexual arraigado historicamente no imaginário coletivo ou é a representação ideológica discursiva de tais piadas que produz este modelo identitário? Uma vez considerando esta segunda possibilidade à questão levantada, teremos o subtexto das piadas como um mecanismo ideológico de poder que culturalmente molda a identidade de gênero em questão.

Como *corpus* desta pesquisa, serão analisadas piadas cuja temática seja a homossexualidade. A análise será referendada teoricamente pelos estudos do Sujeito e Identidade na Análise do Discurso, bem como os trabalhos de Marinho (2007) e Possenti (1998) sobre os homossexuais e o humor, respectivamente. Ressalte-se que, diferentemente da pesquisa de Possenti, aqui não se objetiva o aspecto lingüístico-analítico da piada, mas seu poder sócio discursivo. Pois é no âmbito da discursividade e produção dos sentidos que se constata a ação do humor, que se apropria das figuras e modelos de representação minoritária e lhes imprime estigmas e estereótipos, quase sempre depreciativos.

## 2. O alcance do humor: sobre o sério que há no riso

De início, queremos tecer relevantes considerações ao papel social do humor. Quando se atribui a este a condição de detentor de uma verdade, constata-se a inversão de propósitos deste tipo de manifestação lingüística; donde o risível dá lugar ao austero. Visto deste modo, parece ser o humor coisa muito séria, mesmo que à primeira

vista, quando se diz a alguém que se está estudando o humor aquela reação de estranheza risonha seja inevitável.

Mas como defende Possenti (1998), não cabe ao humor o papel de transformador da sociedade ou determinado segmento desta. “De fato, o humor tem apenas a obrigação de ser bom, tecnicamente”. O humor em geral, e as piadas em particular são um tipo de material interessantíssimo por várias razões: em primeiro lugar, as piadas são interessantes para os estudiosos porque praticamente só há piadas sobre temas que são socialmente controversos. Assim, sociólogos e antropólogos poderiam ter nelas um excelente *corpus* para tentar conhecer (ou confirmar) diversas manifestações ideológicas, valores arraigados.

Nesse sentido, as piadas são uma espécie de sintoma, já que, tipicamente, são relativas a domínios discursivos “quentes”. (POSSENTI, 1998, p. 25). Além desta razão primeira, em seu livro, Sírio Possenti assinala outras características que tornam as piadas tão propícias aos estudos e análises. Uma delas é que as piadas quase sempre operam com o estereótipo, o que pode se justificar como mecanismo para facilitar a compreensão de sua mensagem a qualquer platéia ou simplificador do problema tratado na anedota. Contudo, uma outra particularidade conferida às piadas é que seu discurso está sempre na linha do não oficial, do que socialmente é proibido, são textos que violam os modos e as convenções do ser e do agir politicamente correto. Assim, o humor pode ser conservador, reacionário e porque não, crítico?

Para se chegar a esse nível de efeito no humor seu produtor tem à mão uma diversidade de mecanismos linguísticos. Dentre eles, a

ambigüidade é sem dúvida, o que mais se ajusta às estratégias comunicativas das piadas. Enquanto linguistas veem o uso da ambigüidade intencional como desnecessária dentro de outras formas de comunicação, o humor tem a liberdade para fazê-lo estrategicamente. Sobre o uso da ambigüidade numa perspectiva diacrônica Ferreira (2000), afirma: “O certo é que a ambigüidade servia sempre como instrumento de poder e manipulação, seja para acentuar o distanciamento entre o sujeito e o saber, seja para eliminar qualquer interferência entre a linguagem e o pensamento, garantindo a biunivocidade entre signos e ideias”.

Tomando esta ideia da ambigüidade como forma de poder e não apenas mais um recurso estilístico, nota-se ser este o modo como o humor articula seu discurso, produz suas imagens, conceitos e sentidos, por meio da incompletude, do sugerido, do não-dito. Ainda sobre o valor da ambigüidade na produção dos sentidos no humor a autora citada anteriormente escreve:

Ao tratar de problemas de significação, como a questão do sentido, a ambigüidade vai se colocar muitas vezes numa posição de fronteira com o linguístico, estabelecendo limites bastante difusos com outras noções vizinhas, como é o caso do *duplo sentido*, da *vagüidade* e da *ambivalência* ( FERREIRA, 2000, p. 14).

Não se pretende aqui detalhar os conceitos de vagüidade e ambivalência, mas vale dizer de como é íntima a relação da ambigüidade com o intento do texto humorístico, pois à luz da Análise do Discurso, os efeitos de sentido produzidos na enunciação não estão prontos e tangíveis. Eles deslizam, transmutam e independem

da união emissor/receptor. Não importa se o estilo humor é mais, ou menos engajado. Suas técnicas de elaboração textual recorrem a processos lingüísticos que darão sentido a imagens, que gerarão modelos e personagens, quase sempre com um apelo ao caricatural e estereotipado.

### 3. Refletindo o estereótipo

Numa perspectiva etimológica, o termo estereótipo é a denominação para um tipo de placa metálica com caracteres fixos utilizada para a impressão em série. É uma palavra originariamente do jargão tipográfico que foi adquirindo uma conotação psicossocial. Mas como caracterizar o estereótipo no âmbito da psicossociologia? O termo remete para “uma matriz de opiniões, sentimentos, atitudes e reações dos membros de um grupo, com as características de rigidez e homogeneidade” (SIMÕES, 1985, p.207).

Para Gahagan (1980), “um estereótipo é uma supergeneralização: não pode ser verdadeiro para todos os membros de um grupo (...) é provavelmente, muito inexato como descrição de um dado sujeito (...), mas não dada qualquer outra informação, constitui uma conjectura racional”. E acrescenta: “Um desses traços levaria então a inferência de outros traços (...)” (p.70).

Voltando à questão do humor anteriormente levantada, à luz de Possenti, em um outro trabalho seu sobre o humor o os estereótipos femininos, o autor vai relacionar a importância da estereotipação na produção de sentidos no universo do humor: Não se pode falar em discurso humorístico, por exemplo, sem considerar a relevância dos

estereótipos em seu funcionamento. Assim, entre outras coisas, se se quiser ler os discursos humorísticos como documentos, deve-se passar necessariamente pela questão de se saber em que medida os estereótipos representam também “verdades”. (POSSENTI, 2005).

Discutindo tais “verdades” dos estereótipos, porém na perspectiva da sexualidade, João Marinho em um artigo intitulado *Estereótipos, preconceitos e homossexualidade* (2007) aborda o tema dentro do movimento gay. De forma bem objetiva ele mostra a estreita relação triangular do estereótipo com o preconceito e o homossexual”. Diz respeito às imagens e conceitos uniformes que as pessoas associam erroneamente aos homossexuais, o que reflete uma “preguiça” de conhecer melhor a diversidade do nosso, por assim dizer, universo (...).”

O autor indaga ainda sobre uma formação machista e heterocêntrica que faz uso destas mesmas ferramentas para perpetuar todo um preconceito contra o diferente. Ele esclarece:

Estereótipo e preconceito estabelecem entre si uma dialética “biunívoca”. É impossível pensar um estereótipo sem preconceito e é impossível pensar um preconceito sem estereótipo. Um alimenta o outro. De fato, o estereótipo se origina de algum tipo de preconceito, que precisa criar imagens e conceitos – forçosamente errôneos porque carentes de fundamentos justos – que confirmam um desvalor ao grupo que dele sofre, para justificar o próprio preconceito e as ações concretas dele decorrentes (ao que chamo discriminação) (MARINHO, 2007).

Seguindo a esteira do pensamento de Marinho, verifica-se que o estereótipo se justifica no preconceito e vice-versa. Contudo, diante

do dialogismo das relações sociais, o estereótipo não atinge apenas os grupos identitários outsiders (vistos à margem do padrão aceito socialmente como normal), mas os próprios grupos identitários majoritários são vítimas dessa compreensão limitada da sexualidade. Uma vez tidos como “normais”, eles precisam se distinguir das minorias supostamente “anormais”. Daí se protegem em formas engessadas de representação de si; o que já se caracteriza como um novo estereótipo, como afirma o jornalista: “Os grupos majoritários/estabelecidos criam, assim, um contra-preconceito e se tornam vítimas de contra-estereótipos que os aprisionam, impedem de viver outras realidades e estreitam sua visão de mundo”.

A experiência dos homossexuais ilustra o que se dissera anteriormente, uma vez que o estereótipo de afeminado, a eles associado indistintamente, os inferioriza em relação àqueles de postura masculina, donde muitos se esforçam para apresentarem um perfil o mais fiel possível do modelo de masculinidade socialmente posto. Numa sociedade em que as identidades pessoais são definidas pela sexualidade e esta por sua vez, inteiramente normatizada, as práticas sexuais passam a ser do domínio dos grupos identitários estabelecidos.

Assim posto, quando o sujeito heterossexual forçosamente se masculiniza a fim de não se permitir comparar a um homossexual ou este o faz para não parecer feminino (traço tido como negativo socialmente), na verdade se está forjando uma identidade estereotipada em nome de um preconceito que molda as relações sociais.

#### 4. É uma questão de identidade?

Para Kathryn Woodward (2000), a identidade constitui as posições que assumimos e com as quais nos identificamos. Tais posições dão voz ao sujeito que se constrói através dos discursos e dos sistemas de representações. O processo da constituição identitária se dá inegavelmente por meio da diferenciação o que pressupõe uma relação de poder. Esta relação é marcadamente tensa; uma vez que sempre haverá forças opondo-se num determinado contexto e espaço.

Dito de outra forma, há em qualquer modalidade de relação social uma tentativa de subjetivação, de inscrever-se como sujeito livre de dominação. Ser livre de dominação confere um status de diferente e esta relação com a diferença é uma das plataformas sobre as quais se ergue a teoria da identidade. É a diferença que dá sentido às pessoas através das diferentes posições que lhes são dadas nas relações sociais. O sujeito que nela se constitui busca o que no outro lhe é diferente. Eis o ponto de presença do poder; pois são as formas de poder culturalmente impostas que vão definir o que está dentro e o que está fora:

Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar



a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (SILVA, 2000, p. 81).

Deste modo, deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados. “A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder”. Os pronomes “nós” e “eles” aqui vão além da simples função gramatical; mas evidenciam o efeito das relações de poder nas posições-de-sujeito.

Também sobre identidade Bauman (2005, p. 84), afirma: “A identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa resolvida a ser devorado...”. O que se depreende do pensamento dos dois estudiosos supracitados é que o poder instituído determina a forma identitária supostamente válida na ordem do dia. Guiando-se por este “modelo normal” de identidade, as demais identidades são julgadas.

De acordo com Silva (2000), a identidade normal não é vista como uma identidade, mas como a identidade em face da insígnia que as formas de poder lhe atribuem. Assim como o pensamento de Silva, o do sociólogo polonês Bauman também aponta para a relação do poder na formação das identidades:

... a identificação é também um fator poderoso na estratificação, uma de suas dimensões mais divisivas e fortemente diferenciadoras. Num dos pólos da hierarquia global emergente

estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade. (...) No outro pólo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se vêem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – (...) Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam... (BAUMAN, 2005, p. 44).

Nos últimos dois séculos nossa sociedade tem privilegiado a sexualidade e assim as identidades sexuais ganharam maior visibilidade nos debates e estudos acadêmicos. Contudo, a identidade homossexual (objeto desta pesquisa) ainda está submersa em imagens e rótulos depreciativos cultivados historicamente nas diversas práticas sociais.

## 5. O texto da piada e seus efeitos de sentido

Em face do que fora anteriormente exposto acerca do humor, da identidade homossexual e do estereótipo, far-se-á então a análise de piadas em cujo objeto/temática são os homossexuais. É comum às piadas o uso de termos e expressões pejorativos e por vezes de mal gosto, mas até essa construção vocabular vulgar faz parte da pretensa imagem do homossexual que os textos das piadas geralmente veiculam.

### *I- Bicha estrangeira*

Um forasteiro viajava de bicicleta pelo interior de São Paulo, quando chegou à pacata cidade de Campinas. Esfomeado, e com pouco di-

nheiro no bolso, chegou a um boteco e foi logo dizendo:

- Quero comer um americano, por favor?

A bichinha no balcão, de pronto respondeu:

- How are you, my friend??

A piada faz uso de um recurso linguístico clássico no humor que é a ambiguidade. Quando o personagem gay aqui ressignifica os vocábulos “comer” e “americano” dando-lhes respectivamente, uma conotação sexual e pessoalizada (longe do que se pretendia seu interlocutor), transfere à imagem do homossexual o estereótipo de alguém que pensa, age e vive em função do sexo. Assim, não vai perder a oportunidade de transar com o primeiro que lhe surgir. Um fato curioso, que poderia não ser notado numa primeira leitura desta piada é a utilização de elementos descritivos que dão o tom do inverossímil à situação narrada ao mesmo tempo que confirma a inconsistência desse modelo de homossexual construído no humor.

Quer dizer, há cena mais incomum do que a de um homem entrando num boteco numa cidade do interior do Brasil, dizendo que quer transar com um americano e do balcão ser saudado por um estrangeiro falando Inglês? Talvez esta seja a única parte ingênua na piada; o uso do irreal, do *nonsense* como pretexto ao riso ou será que nunca se é ingênuo no riso?

## II- Bicha ascensorista

Primeiro dia de serviço da bicha, ascensorista no elevador. Nisso entra um sujeito com um charuto aceso, e a bicha diz toda delicada:

- Escute moço, não é permitido fumar no elevador, eu não posso

subir dessa forma.

O sujeito responde:

- Escute aqui, não é a primeira vez que eu fumo aqui, e não vai essa “bichinha” que vai me proibir.

- Sinto muito, não posso subir dessa forma, com o charuto aceso.

- Escute aqui imbecil, se você não subir agora, sabe onde vou enfiar esse charuto?

E a bicha responde:

- Não adianta me agradar, regulamento é regulamento.

É próprio desse tipo de piada o emprego do termo “bicha” (tema da piada) logo no título, o que geralmente não ocorre nas piadas com outras temáticas. Esta característica já demonstra o propósito depreciativo para com a figura do homossexual, visto a idéia de negatividade atribuída à palavra bicha. A piada reforça ainda uma imagem de fragilidade que se insiste em associar à identidade do homossexual. Como reforço ao estereótipo preconceituoso, o texto da piada se vale de uma espécie de metalinguagem, quando mostra uma personagem que despreza e humilha o gay.

A propósito da humilhação, que perfil mais escatológico de um homossexual que diante de uma situação de ofensas verbais a ameaça de uma iminente agressão física para com ele ainda consegue ver nisso a insinuação de uma paquera. Novamente, como na piada anterior, tem-se uma intenção identitária que só existe em função da prática sexual em si.

### *III- Bicha enlutada*

Duas bichas se encontram.

- Você ficou maluca!?! - observa uma delas. - Ficar andando por aí vestida desse jeito, toda de preto! Que coisa mais tétrica!

- É que o meu pai faleceu! Estou de luto! - comenta a outra, choramingando.

- O seu pai morreu de quê?

- Febre amarela!

- Nossa! Que cor mais horrorosa!!

Duas características fortemente associadas aos gays estão presentes nesta piada: primeiro é o vocabulário bem peculiar; palavras como *tétrica* e *horrorosa* ganham toda uma conotação exagerada pela forma como são sugeridas no texto, assim como a forma feminina de tratamento entre os pares. Há um uso corrente, porém excessivo da troca do pronome de gênero. Seria intenção de aproximação da figura feminina? Segundo é a suposta personalidade fútil e narcisista do homossexual veiculada no humor. Enquanto um sofre com a morte do pai, o outro, insensível, se preocupa apenas com a aparência e as tonalidades do figurino. Essa imagem de alguém over, espalhafatoso e até leviano está quase indissociável do sujeito homossexual. É um modelo alicerçado na estrutura social machista e preconceituosa que detém o poder de impor este protótipo de identidade aos gays.

### *IV- Boato de bicha*

Uma bicha chega ao reduto das bonecas e vai logo dizendo:

- Meninas... sabem o que fiquei sabendo através de uma revista de medicina americana?

E as outras ansiosas respondem:

- Não, conta pra gente!

E a bicha disse:

- Li no artigo que mulher está dando câncer.

E as outras abanaram a cabeça dizendo:

- Deixa de ser idiota, isso é boato. Não pode ser verdade!

E a primeira com risinhos diz:

- Que é mentira, é sim... mas podem sair espalhando esse boato por aí, meninas... quem sabe as coisas melhoram pra gente!

Finalizando esta análise, temos aqui o que parece ser o estereótipo mais comumente atribuído aos homossexuais de modo geral, que é esta associação imediata destes às mulheres. Há uma necessidade de se rotular que ser homossexual é querer ser mulher e conseqüentemente competir com as mesmas. Na verdade, torna-se uma relação que beira ao sexismo, em que quase sempre o objeto da disputa é um parceiro sexual.

Por fim, não apenas nesta, mas também nas piadas transcritas anteriormente se percebe uma atitude de malícia e astúcia por parte dos gays no que se refere a sair de situações embaraçosas, bem como em criá-las. Eis então, algo que pode ser visto como uma positividade no conjunto das marcas identitárias desse estereótipo de homossexual.

## Considerações finais

Quer seja para tornar-se a todos acessível a compreensão ou como reprodutor dos discursos que circulam clandestinamente, o humor sempre tem à mão o estereótipo como provocador do riso. No caso do humor com o homossexual ele desenha uma identidade para esse grupo social que quase sempre se traduz numa atitude de desvalor para com aqueles sujeitos que a ele pertencem.

O indivíduo homossexual torna-se preso a uma identidade que lhe é imposta de forma preconcebida e vê-se tolhido de viver muitas vezes uma sexualidade plena e livre de limitações afetivas e sociais.

As limitações presentes nas relações homoeróticas são prejudiciais também aos indivíduos heterossexuais que precisam entrenchear-se em suas identidades convencionalmente “estáveis”; o que delimita sua visão prática da sexualidade.

Enunciar o homossexual como efeminado, frágil, pervertido e fútil tem sido uma regularidade no discurso humorístico. Este é sem dúvida um estereótipo que traz consigo uma discursivização sobre homossexual cujos efeitos incidem sobre a maneira como estes sujeitos vivem e constituem sua sexualidade enquanto prática social.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2000.
- GAHAGAN, J. *Comportamento Interpessoal e de grupo*. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1980.
- MARINHO, João. *Estereótipos, preconceito e homossexualidade*. 2007. Disponível em: <http://www.armariox.com.br>. Acesso em 10 de out. 2007.
- MATTOS, João. *Piadas de gays*. Coleção prelúdio nº 8. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1998.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SIMÕES, A. *Estereótipos relacionados com os idosos*. Revista Portuguesa de Pedagogia, XIX, 207- 234, 1985.
- WOODWARD, Kathryn. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.



# A propósito da escrita de artigo científico

Clara Regina Rodrigues de Souza  
Guilherme Moés Ribeiro de Sousa

**Resumo:** O domínio da escrita dos gêneros acadêmicos faz-se primordial para o sucesso acadêmico-profissional do estudante universitário. Destarte, a presente pesquisa tem como objetivo principal apontar as adequações e as impropriedades frequentemente observadas na produção escrita de gêneros acadêmicos, em especial do artigo científico, a fim de traçar caminhos para o desenvolvimento de um texto de qualidade. Para tanto, implementou-se uma pesquisa bibliográfica e analítica que nos permitiu evidenciar as principais falhas quanto à harmonização escrita do gênero artigo científico; em especial destaque para problemas referentes ao discurso, focalizando na autoria, e ao plágio.

**Palavras-chave:** Gêneros acadêmicos. Artigo científico. Discurso. Autoria. Plágio.

---

Clara Regina Rodrigues de Souza é doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora substituta do Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.

Guilherme Moés Ribeiro de Sousa é graduando em Licenciatura em Letras/Português pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB e em Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU/CG).

## A propósito de la escritura de artículo científico

Resumen: El dominio de la escritura de los géneros académicos se hace primordial para el éxito académico-profesional del estudiante universitario. De esa manera, la presente investigación tiene como objetivo principal apuntar las idoneidades y las impropiedades frecuentemente observadas en la producción escrita de géneros académicos, en especial del artículo científico, a fin de trazar caminos para el desarrollo de un texto de calidad. Para tanto, se implementó una investigación bibliográfica y analítica que nos permitió evidenciar los principales fallos en cuanto a la armonización escrita del género artículo científico; en especial destaque para problemas referentes al discurso, focalizando en la autoría, y al plagio.

Palabras-clave: Géneros académicos. Artículo científico. Discurso. Autoría. Plagio.

## Introdução

**N**o Ensino Superior, a (boa) escrita é uma peça-chave no processo de inserção na academia, pois é por meio dela que o discente divulga os resultados oriundos das suas pesquisas realizadas no ambiente universitário. Além de ter de escrever bem, o estudante deve dominar os ditos gêneros acadêmicos, mediante práticas comunicativas da linguagem específicas do âmbito do Ensino Superior; dentre os quais, podemos mencionar, o resumo, a resenha, a monografia, a dissertação, a tese, o artigo científico.

Em especial destaque, temos o artigo científico. Segundo Marcantônio, Santos e Lehfeld (1993), os artigos científicos são produtos de

estudos completos de um determinado objeto de pesquisa, não se configurando em matéria para *dissertações*, *teses* ou *livros*. Apresentam as pesquisas com seus respectivos resultados e são publicados em revistas, anais ou periódicos especializados. Nesse sentido, Lakatos e Marconi (1991) esclarecem que os artigos científicos, embora não se configurem como matéria para livros, constituem-se como pequenos estudos, mas completos, que versam acerca de uma problemática/situação integralmente científica.

Na verdade, os artigos científicos diferem-se de outros trabalhos científicos, como as *monografias*, *dissertações*, *teses*, pela sua mínima dimensão e conteúdo. Seu principal objetivo é, justamente, propalar os desfechos e repercussões de pesquisas, de ideias e de debates de uma forma clara, sintética e autêntica. Assim, servem como meio de troca de informações entre cientistas e pesquisadores, contribuindo com o fazer ciência.

Como qualquer outro gênero acadêmico, o artigo científico necessita ter algumas características específicas, como qualidade linguística, técnico-conteudística, de autenticidade e de formatação. Sendo assim, este trabalho tem o objetivo de apontar as adequações e as impropriedades linguístico-textual-discursivas frequentemente observadas na produção escrita de gêneros acadêmicos, em especial do Artigo científico.

Ademais, esta pesquisa justifica-se na medida em que é observada uma dificuldade com escrita desde a Educação Básica. Essa dificuldade, por parte dos alunos, reflete em problemas linguísticos, que dizem respeito à adequação à gramática culta da língua, como também problemas que vão ao discurso e a questões de autoria, como

é o caso do plágio. Ainda, a importância deste trabalho se relaciona à necessidade de familiarização dos graduandos e pós-graduandos com o gênero artigo científico, uma vez que ele é ponte para a inserção na pesquisa e na Academia.

Para a produção deste trabalho, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, tomando como base autores como: Bronckart (1999) e Bonini (2004), que alicerçam a discussão acerca dos gêneros textuais/discursivos; Aranha (2009), Figueiredo e Bonini (2006), Motta-Roth (1999), Spack (1988) e Swalles (1990, 2004), os quais tratam dos gêneros acadêmicos; Marcantônio, Santos e Lehfeld (1993) e Lakatos e Marconi (1991, 1996), que discutem a produção do gênero Artigo científico; Kleiman (1995) e Soares (1998), a partir das quais serão discutidos aspectos referentes ao letramento e ao letramento acadêmico; Foucault (2001), Veiga-Neto (2014) e Leibrunder (2002), que fomentam a discussão sobre o discurso e a neutralidade na escrita acadêmica; dentre outros célebres autores.

Em seguida, foi realizada uma análise das produções científicas veiculadas nos anais da XVI Semana de Letras da UEPB, realizada no ano de 2013, a fim de constatar adequações e impropriedades relacionadas à escrita do gênero Artigo científico, voltando-se, especialmente, à neutralidade do discurso e ao plágio. Nesse sentido, por questões éticas, os títulos e as autorias dos trabalhos da XVI Semana de Letras da UEPB analisados não foram divulgados neste trabalho.

Sendo assim, partiremos, inicialmente, para uma breve abordagem da fundamentação teórica que alicerçou este estudo para que, sequencialmente, seja apresentada uma análise acerca da escrita do artigo científico propriamente dito.

## Aporte teórico: em torno da escrita

A prática da pesquisa é assinalada como elemento indispensável para a garantia da qualidade da formação tanto na graduação quanto na pós-graduação. No caso das licenciaturas, isso é frisado nos documentos oficiais que as regulamentam no Brasil (cf. PARECER CNE/9/2001 e RESOLUÇÃO CNE/CP/1/2002). Conforme esses documentos, a pesquisa deve ser posta como atividade cotidiana do professor, a fim de que ele encontre-se em uma incansável busca pela melhoria e compreensão do processo de ensino-aprendizagem.

A experiência da pesquisa é - e se não for, deve ser - parte integrante da vida dos graduandos dos cursos de licenciatura, pois é por meio dela que eles têm contato com os discursos que permeiam o contexto e os gêneros acadêmicos. Destarte, a compreensão acerca dos gêneros textuais/discursivos acadêmicos em seus diversos aspectos, sejam eles estruturais, pragmáticos, sejam retóricos etc., é ponto de partida para a prática de pesquisa, para o desenvolvimento aguçado do senso crítico e para a formação de um professor pesquisador (SWALES, 2004).

A ideia do uso de gêneros como alicerce para o ensino de Língua Portuguesa, como preconiza os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, bem como a noção trazida por Bakhtin (2000), de estruturas relativamente estáveis, estão longe de ser um conceito completo para a explicação e organização da infinidade de textos que existem. Por exemplo, Bonini (2004) fala sobre a existência de doze conceitos para gêneros oriundos de autores renomados

na área que os conceituam enfatizando aspectos diferenciados desses eventos comunicativos.

Em virtude do objetivo deste trabalho, tomaremos como base a definição de gênero feita por Swales (1990), o qual destaca a vertente pedagógica dos gêneros, sob um viés acadêmico:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham alguns conjuntos de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas da comunidade discursiva de origem, e assim constituem a lógica para o gênero. Essa lógica molda a estrutura esquemática do discurso e influencia e constringe a escolha de conteúdo e estilo (SWALES, 1990, p. 58) [tradução nossa].

Ou seja, essa ideia pressupõe admitir que os gêneros realizam-se em comunidades ou grupos discursivos específicos, tendo em vista que suas estruturas e intenções comunicativas são legitimadas pelos integrantes veteranos do grupos. Nesse sentido, os neófitos necessitam passar por processos, seja de forma implícita, seja explícita, a fim de que possam estar efetivamente inseridos na referida comunidade ou grupo e, assim, tornar-se-ão, de fato, agentes no processo de participação e de produção do respectivo gênero.

No presente trabalho, os gêneros acadêmicos são compreendidos como os textos escritos e que permeiam o contexto da universidade, como forma de interação, diálogo e comunicação entre diversos integrantes desse meio, tais como professores, pesquisadores e alunos, com finalidades diversas, a exemplo de exposição de pesquisa, crítica a obras culturais, relatórios de estágios, dentre outras.

Como sugere Motta-Roth (1999), embora haja uma grande necessidade de inserção e de divulgação de pesquisas - seja em âmbito nacional, seja internacional - por parte dos pesquisadores iniciantes, que se encontram na graduação, é notável a existência de empecilhos. Isso porque muitos alunos não possuem o conhecimento necessário no que diz respeito ao discurso produzido na Academia, isto é, observa-se uma carência de entendimento das práticas acadêmicas e, concomitantemente, dos gêneros acadêmicos.

Nesse contexto, para que esses sujeitos sejam inseridos no ambiente acadêmico, faz-se necessário que eles tornem-se letrados na área da qual faz parte, uma vez que, para ser integrante efetivo e ativo de uma determinada comunidade ou grupo, é essencial que ele tenha a capacidade de brandir as práxis comunicativas/pragmáticas desse grupo (SPACK, 1988).

No que faz referência ao que é ser “letrado” na área, cabe resgatas as palavras que diferenciam, de forma suscita, alfabetização e letramento:

Ter-se adaptado à escrita é diferente de ter aprendido a ler e escrever. Aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar e decodificar a língua escrita. O indivíduo letrado não só é aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 1998, P.40).

Diante desse esclarecimento, entendemos que o letramento vincula-se à utilização adequada da linguagem em situações comunica-

tivas específicas, tendo o sujeito produtor de linguagem consciência dos usos linguísticos que faz. É importante mencionar que o domínio da linguagem formal da língua é relevante para o desenvolvimento e recepção de produções textuais, assim como a realização motora e de decodificação. Contudo, de acordo com os pressupostos de Kleiman (1995), o letramento é um fenômeno proveniente de contatos sociais, os quais ocorrem entre sujeitos de uma mesma geração ou de gerações distintas, que modulam as práticas sociais, históricas e culturais de leitura e de escrita.

Ao saber da escrita como o eixo central de uma comunidade letrada, para que o estudante de graduação consiga adequá-la às especificidades, aos intuitos comunicativos do dado grupo acadêmico, faz-se indispensável que ele tenha domínio da linguagem empregada nesse espaço, a fim de que desenvolva aptidão no que diz respeito aos gêneros que circulam nesse contexto de produção.

Apesar de grande parte dos docentes e pesquisadores terem a consciência acerca da importância da inserção dos graduandos em pesquisas, e isso implica na adequação linguística e pragmática por parte desse grupo de iniciantes, é notável um déficit nos cursos de graduação no que concerne à presença, nas grades curriculares, de disciplinas que visem preparar o aluno para os anseios e demandas da vida acadêmica.

Como diz Aranha (2009),

A necessidade de dominar gêneros acadêmicos é inquestionável, mas os meios para alcançar esse domínio parecem ser limitados. Cursos de graduação no Brasil não incluem disciplinas cujos objetivos são desenvolver as habilidades de escrita



dos alunos, nem mesmo em sua língua materna (o curso descrito por Figueiredo e Bonini é uma exceção e não é parte do programa regular de graduação no qual foi ensinado), embora seja esperado que os alunos publiquem os resultados de suas investigações (ARANHA 2009, p. 465) [tradução nossa].

Nessa perspectiva, o gênero acadêmico foco desta pesquisa, o artigo científico, deve atender a algumas exigências:

Os trabalhos científicos devem ser elaborados de acordo com normas pré-estabelecidas e com fins a que se destinam. Serem inéditos ou originais e contribuirão não só para a ampliação de conhecimentos ou a compreensão de certos problemas, mas também servirem de modelo ou oferecem subsídios para outros trabalhos (LAKATOS; MARCONI, 1996, p. 82).

Nessa linha de raciocínio, Leibrunder (2002) caracteriza os textos científicos com base em alguns aspectos linguísticos, como: a utilização de uma linguagem suscita, sintética e dentro dos padrões de formalidade; o emprego de um padrão lexical, com atendimento ao vocabulário técnico e utilização da terceira pessoa do singular mais o índice de indeterminação do sujeito “-se” ou, então, uso da primeira pessoa do plural, que implica em um sujeito universal, e, portanto, ocasiona o apagamento do sujeito produtor do texto (FOUCAULT, 2001), haja vista a necessidade de neutralidade. Outrossim, assim como os textos científico de maneira geral, os artigos científicos apresentariam essas características.

Segundo Leibrunder (2002), esses elementos caracterizadores da impessoalidade discursiva em textos científicos constituem-se recursos de argumentação, cujo intuito maior é o de provar a veracidade dos fatos e a legitimidade do referido discurso, indicando a não-contaminação de ambas as partes, pesquisador e objeto pesquisado, no fazer científico. Todavia, é farsante essa intenção de neutralidade no discurso científico, uma vez que a preferência/discernimento pela temática e a maneira como o texto será articulado/desenvolvido indica a atuação de um sujeito no discurso.

Nesse direcionamento, para a articulação da discursividade, a subjetividade é um elemento primordial, por nós entendida como a “capacidade do locutor em se propor como sujeito” (BENVENISTE, 1991, p. 286). Propor-se sujeito não implica dizer que o autor produz o texto científico sem atender a regras específicas e essenciais a essa prática, mas sim que cabe a ele escolher a temática sobre a qual escrever, os autores a darem suporte teórico ao seu texto, dentre outros aspectos relevantes.

Bronckart (1999) elucida que a subjetividade presente nos Artigos científicos se faz presente por meio de duas realizações textuais: as modalizações e as citações. As modalizações são juízos de valor travestidos em representações linguísticas, as quais apontam um parecer sobre o conteúdo temático em discussão. Elas favorecem o desenvolvimento da coerência pragmática e são implementadas por unidades linguísticas denominadas de modalidades.

As modalidades estariam configuradas em tempos verbais no futuro do passado, auxiliares de modalizações (querer, dever, poder, saber, ser necessário etc.), subconjunto de advérbios (com certeza,

indubitavelmente, seguramente, provavelmente, etc.), determinadas construções impessoais (é notável que..., é possível que...), dentre outras configurações.

Por sua vez, a citação é uma maneira encoberta de dispor a subjetividade de quem cita e assegurar o caráter científico do seu texto, haja vista que, em uma produção textual científica, não se pode, pelo menos não diretamente, apresentar um tom subjetivo. Nesse sentido, as citações seriam uma espécie de reconhecimento ou confirmação ao que é dito por aqueles que não têm, ou dispõem de autoridade acerca da temática sobre a qual escrevem.

Por sua vez, a “falta de clareza nos textos monoautorais se manifesta em três casos: no plural majestático, no sujeito indeterminado e no pronome na 3ª pessoa do singular” (VEIGA-NETO, 2014, p.63). A respeito desse primeiro caso, esse pesquisador sugere uma falta de lógica e de domínio gramatical nos casos em que existe apenas uma pessoa falando ou escrevendo. Segundo o autor, essa prática é decorrente dos discursos políticos, os quais objetivam inserir, em seus próprios discursos, a maior quantidade de ouvintes possível.

Quanto ao uso sujeito indeterminado, Veiga-Neto (2014) diz parecer “não existir uma pessoa que fez a pesquisa e, nem mesmo, a pessoa que escreveu. A autoria fica nebulosa” (p. 63). E, no caso do uso de pronome na 3ª pessoa do singular, “se dá uma completa dissociação entre quem escreve e quem fez o trabalho, a pesquisa. Aquele que escreve coloca-se ‘fora do texto’, como se falasse acerca de um trabalho feito por outra pessoa” (p.64).

Como já mencionado anteriormente, esses usos os quais o autor critica são empregados com base na vontade de neutralidade que

permeia o discurso científico, que visa ao distanciamento entre o pesquisador e o objeto de pesquisa, a fim de evitar possíveis contaminações que poderiam fazê-lo duvidoso. Em outras palavras,

é como se aquele que pensa, fala e escreve não estivesse sempre imerso no — e, por isso mesmo, envolvido com o e subjetivado pelo — mundo sobre o qual ele pensa, fala e escreve. A questão não é fazer de conta que o não uso da 1ª pessoa do singular garante a isenção do pesquisador, mas é assumir que tal isenção é uma ficção e que, conseqüentemente, é preciso estar sempre atento sobre os mútuos envoltimentos entre aquilo que se chama “a realidade do mundo” e a descrição daquilo que se chama “a realidade do mundo” (VEIGA-NETO, 2014, p.64).

Ainda, de acordo com o autor, “o mito da neutralidade” reflete a ignorância acerca do progresso realizado com a virada linguística nas últimas décadas. Esquece-se, na verdade, de que não há mundo a ser descrito, mas versões de mundo criadas na própria descrição. Logo, esse mito configura-se com um pensamento frívolo e sem fundamento filosófico que, nas entrelinhas, quer dizer “não me comprometo com isso que está aí”.

Nessa perspectiva, tratamos do plágio, um problema evidenciado em uma parcela significativa de textos científicos, especialmente de Artigos. Sobre isso, Silva (2008) sugere que o ato de plagiar foi impulsionado na medida em que houve a democratização de obras no ambiente digital. Esse acesso facilitado favoreceu a cópia de pensamentos, de ideias alheias, o que constitui crime de autoria.

Conforme a autora, até antes do século XVIII, era considerado normal e aceitável se colocar como autor de obras produzidas por outras pessoas. Por exemplo, o fato de um sujeito traduzir determinado texto autorizava-o a se colocar como autor do mesmo. Logo, a prática do plágio não era concebida como errada diante da lei. Isso só veio a mudar após o movimento intelectual iluminista.

De acordo com Silva (2008), ressaltam-se três tipos de plágios: o integral, em que há uma cópia de total de um texto sem menção ao autor original; o parcial, em que se observam partes/trechos copiados sem menção ao autor real; e o conceitual, em que o sujeito utiliza-se de conceitos/pensamentos/ideias de um autor sem fazer menção a ele e como se fossem seus/suas.

Com a facilidade de acesso a uma infinidade de materiais, a prática da cópia sem fazer referência a quem produziu o original é frequente. Lamentavelmente, muitos estudantes, de vários níveis de ensino, desde a Educação Básica até o Ensino Superior, fazem uso dessa prática por não se mostrarem suficientemente capazes de desenvolver seu próprio pensamento. A escola precisa atuar para que os estudantes sejam ativos, persistentes, tenham gosto pelo saber, embora saibamos que depende muito também do próprio indivíduo querer evoluir intelectual e eticamente.

Nesse processo, ele precisa ser ativo, ultrapassar as fronteiras do transmitido, fugir das margens da timidez, enfim, gerar autonomia no processo de comunicação e de aprendizagem, o que o permitirá desenvolver seu senso de criatividade e mergulhar no espaço virtual infinito que é a imaginação (SILVA, 2008, p.361).

Conforme a autora, existe uma lacuna entre a instituição escolar e os alunos, fato acarretado, principalmente, em virtude de novos artefatos tecnológicos que imperam na contemporaneidade. Nesse contexto, a prática da leitura e da escrita, muitas vezes, é proposta sem levar em consideração as experiências prévias dos indivíduos, o que não permite ao estudante a reflexão e condição para, a posteriori, desenvolver textos com autonomia. Ainda, Silva (2008) esclarece que as ferramentas adotadas na prática pedagógica da escola e dos professores influem diretamente na aprendizagem e no desenvolvimento do aluno, pois as escolas funcionam como vozes para os aprendentes.

Nessa perspectiva, a leitura é uma peça-chave para a formação de cidadãos-autores competentes e éticos, isso porque antes de ser autor, o indivíduo é leitor, visto que a escrita requer leituras para que seja praticada. Ninguém escreve sobre o que não conhece, até porque “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1992, p.11).

A escrita é o processo em que o ser humano transforma o seu pensamento em linguagem, na medida em que ser autor é defender uma ideia inserida em um texto. Por meio dela se interpenetram a visão do mundo e o conhecimento adquirido do autor. Logo, “(...) entende-se [...] que o autor é o sujeito capaz de criar discursos com sentido, a partir da tessitura de palavras e teorias construídas no seu meio social e cultural” (SILVA, 2008, p. 368).

## A escrita do gênero artigo científico em análise

Nesta seção, são feitas as análises de artigos produzidos para a XVI Semana de Letras da UEPB, em que são observadas questões relacionadas, principalmente, ao discurso e ao plágio; além de breves considerações quanto à gramática e à ortografia, à normatização, dentre outras. A partir destas, são discutidas as inadequações e impropriedades na produção do gênero acadêmico Artigo científico.

De primeira instância, verificamos o emprego da primeira pessoa do plural em um trabalho monoautoral, conforme podemos observar na Figura 1.

Figura 1: Uso da primeira pessoa do plural em trabalho monoautoral.

Nesse sentido, apresentaremos, inicialmente, alguns pressupostos teóricos que nortearam nosso trabalho. Em seguida, destacaremos os procedimentos metodológicos, para, ao final, analisarmos e refletirmos acerca da execução de nossas aulas.

Fonte: Sousa, Silveira & Carneiro (2014).

O uso da primeira pessoa do plural é apresentado sob a flexão dos verbos “apresentar”, “destacar” e “analisar”, além da presença do pronome “nosso”, indicativo da primeira pessoa do plural.

Em outro artigo, é observado o emprego de pronomes na 3ª pessoa do singular (vide Figura 2). Nesse caso, o pronome “ele” está implícito diante do substantivo “pesquisador”.

Figura 2: Uso de pronome na 3ª pessoa do singular.

análise linguística. Destacamos que não houve interferência do pesquisador no processo, haja vista que se trata de uma pesquisa descritivo-interpretativa.

Fonte: Sousa, Silveira & Carneiro (2014).

Ainda, em outro Artigo, verificou-se a presença do sujeito indeterminado (Figura 3), que é caracterizado pelo uso da terceira pessoa do singular mais o pronome oblíquo “se”, como podemos visualizar em na estrutura linguística “percebeu-se”.

Figura 3: Presença de sujeito indeterminado.

Neste momento, percebeu-se que o ensino tratava as atividades de leitura e produção de textos tendo como pretexto apenas o ensino das regras gramaticais, desconsiderando a gramática em seus contextos de uso. Além disto, percebeu-se, nesta época, segundo pesquisa de Zilberman e

Fonte: Sousa, Silveira & Carneiro (2014).

No trabalho do qual se retirou o trecho apresentado na Figura 3, ainda visualiza-se uma quebra de unidade textual, uma vez que há, paralelamente ao uso do sujeito da terceira pessoa do singular presente na formação do sujeito indeterminado, o uso da primeira pessoa do plural (Figura 4), representado pela flexão do verbo “perceber”.



Figura 4: Uso da primeira pessoa do plural – quebra de unidade textual.

Observando o Ensino Fundamental e Médio, percebemos que, em todos os componentes curriculares, a leitura está presente, porém é nas aulas de LP que se trabalha o

Fonte: Sousa, Silveira & Carneiro (2014).

Assim, Veiga-Neto (2014) propõe o uso da 1ª pessoa do singular, como pode ser bem observado na escrita do seu trabalho: “Aproveitando minha trajetória ao longo das quatro décadas de vida acadêmica e, em especial, a minha imersão no campo formado pela articulação entre a Educação e os Estudos Foucaultianos (...)” (p.62). Ainda, esclarece que a utilização da primeira pessoa do plural, da primeira pessoa do singular e do sujeito indeterminado, deixa a autoria nebulosa, causando estranhamentos ao leitor, o que constitui um desrespeito a quem lê.

Dando continuidade às análises, tratamos do plágio, que, lamentavelmente, é uma prática antiética que foi observada em uma significativa parcela dos Artigos científicos presentes nos Anais da XVI Semana de Letras da UEPB. Por exemplo, temos o trecho exposto na Figura 5.

Figura 5: Trecho plagiado encontrado em Artigo científico nos Anais da XVI Semana de Letras da UEPB.

A carta é um gênero textual que ao longo da história tem servido de meio de comunicação para diferentes fins, para agradecimento, para informações, para cobrança, intimação, notícias familiares, solicitação, reclamação, etc. A escolha do gênero *carta* como

Fonte: Sousa, Silveira & Carneiro (2014).

A escrita original desse fragmento advém de uma sequência didática produzida por uma professora do estado do Paraná, destinada ao Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) (Figura 6). Como pode ser observado, há apenas um trocadilho das palavras “textual” e “discursivo” como caracterizadoras da palavra “gênero”.

Figura 6: Trecho original retirado de uma sequência didática.

produção de textos diversos. A carta é um gênero discursivo que ao longo da história tem servido de meio de comunicação para diferentes fins, como agradecimento, informações, cobrança, intimação, notícias familiares, solicitação, reclamação, etc.

Fonte: Volponi (2007).

Esse mesmo trecho também foi encontrado plagiado em uma Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem, o que representa uma grande preocupação quanto à qualidade da produção acadêmica no Ensino Superior. Na referida tese, o plágio foi além do destacado na Figura 6 (vide Figura 7).

Figura 7: Trecho original expandido retirado de uma sequência didática que foi plagiado por uma Tese de Doutorado.

O trabalho com gêneros favorece a aprendizagem da escrita, leitura e produção de textos diversos. A carta é um gênero discursivo que ao longo da história tem servido de meio de comunicação para diferentes fins, como agradecimento, informações, cobrança, intimação, notícias familiares, solicitação, reclamação, etc. Para Bazerman (2006), este gênero foi criado para mediar a distância entre dois indivíduos e está ligado às relações sociais.

Fonte: Volponi (2007)

O trecho destacado na Figura 07 foi plagiado com pequenos trocadilhos, como a substituição da vírgula após “diferentes fins” por um travessão, a retirada da palavra “como” logo em seguida, troca do “etc.” por “entre outros.” e troca do pronome demonstrativo “este”, em “este gênero”, pelo artigo definido “o”, em “o gênero”.

Ainda, foram verificados em Artigos científicos publicados nos Anais da XVI Semana de Letras da UEPB problemas de pontuação, como o inadequado uso da vírgula separando sujeito e predicado de orações; de conteúdo, como é o caso observado em trabalhos que atribuem a noção de gênero a elementos aos quais não cabe a referida associação; de normatização/padronização, como, por exemplo, a ausência de paginação em citação direta, o que contraria as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT); de coerência; de informatividade; enfim, problemas que afetam a qualidade do texto produzido, reduzindo o seu prestígio na academia.

## Considerações finais

Por todas as questões analisadas, verifica-se a necessidade de harmonia entre os elementos linguísticos e extralinguísticos na produção dos gêneros acadêmicos. Vale destacar, também, a importância da produção do Artigo científico como elemento de divulgação de pesquisas e da ciência propriamente dita.

Ainda, observou-se que as dificuldades encontradas por muitos estudantes na produção do gênero acadêmico, discutido neste trabalho, assim como no desenvolvimento de outros gêneros, é um problema oriundo da Educação Básica, o que demanda ações por parte

do Governo e da Escola, a fim de sanar essa dificuldade que pode trazer consequência desagradáveis para o sujeito, tanto pessoal, acadêmico, quanto profissionalmente.

No que concerne ao Ensino Superior, verifica-se a necessidade de um currículo que abarque as demandas acadêmicas e de produção de gêneros acadêmicos por parte dos alunos, tendo em vista que os discentes de graduação costumam se deparar apenas com uma disciplina de Letramento Acadêmico durante todo o curso.

## Referências

ARANHA, S. The development of a genre-based writing course for graduate students in two fields. In: BAZERMAN, C.; BONINI, A.; FIGUEIREDO, D (Orgs). *Genre in a changing world*. Colorado: The WAC Clearinghouse and Parlor Press, 2009.

BAKHTIN, M. Os Gêneros do Discurso. \_\_\_\_\_. In: *Estética da Criação Verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279-358.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Trad.: Maria da Glória Novak, Maria Luiza Néri. 3.ed. Campinas, SP: Pontes, 1991.

BONINI, A. Gênero textual/discursivo: o conceito e o fenômeno. In: CRISTÓVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. (Organizadores). *Gêneros textuais: teoria e prática*. Londrina, PR: Moriá, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. *Parecer n.: CNE/CP 009/2001*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução n.: CNE/CP 001/2002*. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

FIGUEIREDO, D. C.; BONINI, A. *Práticas discursivas e ensino do texto acadêmico: concepções de alunos de mestrado sobre a escrita*. Revista Linguagem em (dis)curso, Tubarão, SC, v. 6., 2006.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* In: \_\_\_\_\_. Ditos e Escritos. Estética: literatura, pintura, música e cinema. v. 3. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1992.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. B. (Orgs). *Os significados do letramento – Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 3. ed., São Paulo: Atlas, 1996.

LEIBRUDER, A. P. Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. In: BRANDÃO, H. N. (org.). *Aprender e ensinar com textos*. Vol. 5. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCANTÔNIO, A. T.; SANTOS, M. M.; e LEHFELD, N. A. de S. *Elaboração e divulgação do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 1993.

MOTTA-ROTH, D. *A importância do conceito de gêneros discursivos no ensino da redação acadêmica*. Revista Intercâmbio, São Paulo, v. 3, p. 119-128, 1999.

SILVA, O. S. F. *Entre o plágio e a autoria: qual o papel da universidade?*. Rev. Bras. Educ. 2008, vol.13, n.38.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUSA, A. C. L. C.; SILVEIRA, K. S. D.; CARNEIRO, C. G. *Anais da XVI Semana de Letras - Linguagens, Cultura e Ensino: diálogos possíveis / Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa, Karyne Soares Duarte Silveira, Cléa Gurjão Carneiro (Org.) – Campina Grande, PB: Realize, 2014.*

SPACK, R. *Initiating ESL students into the academic discourse community: how far should we go?* TESOL Quartely, Alexandria, v. 22, 1988.

SWALES, J. M. *Research Genres: Exploration and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SWALES, J. M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

VEIGA-NETO, A. Anotações sobre a escrita. In: Oliveira, A.; Araújo, E. & Bianchetti, L. (eds.) *Formação do Investigador: reflexões em torno da escrita/pesquisa/autoria e a orientação*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2014.

VOLPONI, M. L. *Sequência didática*. Sequência didática produzida por Margaret de Lourdes Volponi, no ano de 2007, para o Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE) do Paraná.

# Lexicografia multimodal: como as crianças percebem os recursos visuais dos dicionários infantis

Francisco Iací do Nascimento

**Resumo:** Este estudo tem por objetivo investigar como os recursos visuais contribuem para a compreensão do texto lexicográfico e para a consulta mais rápida de informações no dicionário, buscando compreender como os alunos percebem a representação visual no dicionário. Está fundamentado teoricamente nos estudos e pesquisas sobre lexicografia e metalexiconografia pedagógica (BIDERMAN, 2001; KRIEGER, 2012; WELKER, 2008; PONTES, 2009, 2010, 2011, entre outros) e nos pressupostos teóricos da semiótica social de Kress e van Leeuwen (2006). Trata-se de um estudo qualitativo em que foram entrevistados seis alunos de uma escola pública do Ceará com idades entre 10 e 13 anos. A análise dos dados mostrou que os alunos perceberam a representação visual do dicionário, identificando a função de alguns dos recursos visuais das páginas e dos verbetes, especialmente, os elementos mais salientes como as ilustrações e as cores. Contudo, elas apresentaram algumas dificuldades para relacionar as ilustrações aos verbetes correspondentes.

**Palavras-chave:** Metalexiconografia Pedagógica; Lexicografia Multimodal; Multimodalidade

---

Francisco Iací do Nascimento é Doutor em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará e Professor da EEM José Francisco de Moura, pertencente a rede de escolas da Secretaria de Educação do Ceará.

## Multimodal lexicography: how children notice visual resources in children's dictionary

**Abstract:** This study aims to investigate how visual resources contribute to the understanding of a lexicographical text, and to speed up the browsing for information in the dictionary, trying to understand how students perceive the visual representation in the dictionary. It is theoretically grounded in studies and research on lexicography and pedagogical metalexicography (BIDERMAN, 2001; KRIEGER, 2012; WELKER, 2008; PONTES, 2009, 2010, 2011 etc.) and the theoretical assumptions of social semiotics of Kress and van Leeuwen (2006). It is a qualitative study in which six students of a public school in Ceará between 10 and 13 years old were interviewed. Data analysis showed that the students perceived the visual representation of the dictionary, identifying the function of some of the visual resources of the pages and of the articles, especially the most salient elements such as illustrations and colors. However, they presented some difficulties in relating the illustrations to the corresponding entries. **Keywords:** Pedagogical metalexicography. Multimodal lexicography. Multimodality.

## Introdução

Com o advento das novas tecnologias, meios semióticos, como o movimento, o som, a cor, a imagem, a tipografia, por exemplo, são introduzidos na comunicação cotidiana e passam a significar e a compor mensagens com o verbal. Dessa forma, os textos tornam-se multimodais à medida que recursos verbais e não verbais se integram na produção de sentidos. Além disso, as novas tecnologias



da informação não só fizeram surgir novos gêneros textuais, mas também renovaram os existentes. Todas as inovações tecnológicas introduzidas no processo de produção e edição dos textos têm produzido projetos editoriais mais sofisticados. Jornais, revistas, livros são cada vez mais cheios de imagens, cores, recursos tipográficos diferentes que significam para além do verbal.

Com os dicionários não tem sido diferente. Recursos como cor e tipografia têm renovado os projetos editoriais de muitos dicionários, tornando-os mais atraentes para o usuário. Nos últimos anos, assistimos à publicação de dicionários para públicos específicos, principalmente dicionários escolares com projetos gráficos e visuais ousados. Um bom exemplo disso são os dicionários ilustrados e os dicionários infantis em que se usam imagem, cor e recursos tipográficos para compor, ilustrar e esclarecer sentidos de forma mais significativa.

Nos dicionários infantis, as ilustrações e projeto gráfico não são apenas enfeites. Eles compõem sentidos com o verbal, ora auxiliando no esclarecimento de conceitos, ora complementando as informações sobre as palavras. Entretanto, como os alunos percebem a representação visual no dicionário? Como esses recursos visuais contribuem para a compreensão do texto lexicográfico e como esses recursos facilitam a busca das informações?

Neste trabalho, nosso propósito é investigar como os recursos visuais contribuem para a compreensão do texto lexicográfico e para a consulta mais rápida por informações no dicionário, buscando compreender como os alunos percebem a representação visual no dicionário. Também buscamos compreender, sob a ótica do aluno, quais recursos visuais podem potencializar ou limitar o uso do dicionário.

## I. Metalexiconografia Pedagógica, dicionário infantil e multimodalidade

De acordo com Pontes (2009, p. 40), “os dicionários infantis são destinados às crianças de iniciação escolar, na fase em que estão adquirindo habilidade leitora.” Ou seja, são obras feitas sob medida para atender às necessidades das crianças em fase escolar, que estão em processo de desenvolvimento das habilidades de leitura, geralmente no primeiro segmento do ensino fundamental (1º ao 5º ano).

O Programa Nacional do Livro Didático – PNLD Dicionários 2012 – definiu quatro tipos de dicionários para a educação básica, sendo dois deles para atender aos alunos de 1º ao 5º ano, os tipos 1 e 2. Na terminologia do MEC, o dicionário tipo 1 destina-se aos alunos do 1º ano do ensino fundamental, tem um mínimo de 500 e um máximo de 1.000 verbetes, com uma proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização. O tipo 2 destina-se aos estudantes do 2º ao 5º ano do ensino fundamental, tem no mínimo 3.000 e no máximo 15.000 verbetes, com uma proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.

O dicionário infantil se diferencia dos demais tipos de dicionários pela composição diferenciada de sua macro e microestrutura, e por um projeto gráfico especial, buscando, sobretudo, os recursos mais adequados à criança em fase inicial de escolarização. De acordo com Martins (2007), os dicionários infantis surgiram dentro de determinadas condições históricas, tais como, o desenvolvimento da litera-

tura infantil e o reconhecimento da infância como uma fase do desenvolvimento humano. A pesquisadora fez uma análise discursiva dos dicionários infantis, enfatizando, principalmente, as condições de produção dessas obras e a constituição do sujeito-criança.

O dicionário infantil, apesar de ter projetos gráfico e lexicográfico especiais, mantém características prototípicas de um dicionário, tais como, a presença de textos introdutórios, nomenclatura organizada em duas colunas, a microestrutura do verbete organizada em entrada, informação gramatical, definição, exemplo entre outros. As ilustrações, apesar de estarem presentes praticamente em todos os dicionários infantis e em boa parte dos dicionários de aprendizagem, ainda são pouco estudadas dentro da lexicografia. Para muitos lexicógrafos, elas fazem parte do material interposto, isto é, “conjunto de elementos complementares às informações da microestrutura e intercalados na macroestrutura” (DAMIN, 2005, p.23). Neste trabalho, compreendemos o verbete lexicográfico como um texto multimodal, não só pela presença da ilustração, mas também pelo uso dos recursos tipográficos e das cores. Nesse sentido, a ilustração passa a fazer parte do verbete, compondo e instanciando sentidos com a parte verbal. Como muito bem salienta Krieger (2012, p. 111):

Paralelamente, os dicionários, e aí não importa sua categoria, devem atentar para o valor e a importância dos recursos gráficos, não só para salientar a divisão silábica ou a acentuação, como já fazem todos os dicionários que visam ao público escolar, mas poucos trazem desenhos e figuras. Quando bem escolhidas, elas ajudam o consulente a estabelecer a referência de sentido recortada pelo item lexical. Melhor é a figura, por exemplo, de

uma fruta do que sua descrição cientificamente detalhada, como costuma ocorrer com enunciados definitórios clássicos.

Portanto, além dos aspectos organizacionais, estruturais e linguísticos do dicionário infantil, é preciso levar em conta também o projeto gráfico, uma vez que esse tipo de obra se apresenta com letras maiores, entradas coloridas e recuadas, figuras e ilustrações entre outros recursos visuais.

Os estudos sobre texto e gênero têm mostrado que o fenômeno da multimodalidade está presente em todos os gêneros textuais, falados e escritos. Todos os modos semióticos se combinam para a construção de sentidos. Para Dionísio (2005, p. 161-162), “quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipografias, palavras e sorrisos, palavras e animações, etc.”.

As imagens estão cada vez mais presentes nos textos, sendo necessário descrever e analisar como elas instanciam sentidos dentro deles. Kress e van Leeuwen (1996, 2006), com base nos pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday (1994), propuseram uma Gramática do Design Visual (GDV) para explicar como as imagens instanciam sentidos. Na GDV, as metafunções ideacional, interpessoal e textual da LSF correspondem, respectivamente, às metafunções representacional, interativa e composicional. De modo geral, a metafunção representacional é responsável pela relação entre os participantes, a interativa mostra a relação entre o observador e a imagem e a composicional aborda a relação entre os elementos da imagem.

A metafunção representacional se dá pela caracterização dos participantes representados (pessoas, objetos, lugares) que estabelecem relações ou processos. Quando há a presença de um vetor diz-se que o processo é narrativo, já quando não há vetores, e os participantes são representados em suas particularidades (classe, estrutura), tem-se um processo conceitual. As representações narrativas se constroem através de ações ou reações dos participantes que podem ser transacionais (a ação ou reação é dirigida a uma meta) ou não transacionais (não se pode identificar a meta da ação ou reação) (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006).

Como dito acima, nas representações conceituais não se percebe a presença de vetores. Essas representações podem ser classificacionais, analíticas ou simbólicas. Na representação classificacional, os participantes são ordenados ou classificados em grupos ou classes por suas características comuns numa relação de similaridade. No processo conceitual analítico, os participantes se relacionam em uma estrutura que subordina uma relação parte-todo. Já nos processos simbólicos os participantes são representados por suas características construtivas, isto é, pelo que são ou significam. Podem ser atributivos quando o participante é salientado através de seu posicionamento dentro da imagem, tamanho, foco, tonalidade de cor, iluminação. E sugestivos quando apenas se apresenta o contorno ou silhueta do participante (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006).

A metafunção interativa estabelece a relação entre o leitor e a imagem. Essa relação pode se dar através de quatro processos: contato, distância social, perspectiva e modalidade. O contato consiste em uma relação que se estabelece entre o leitor e os participantes repre-

sentados na imagem. Quando o participante olha diretamente para o leitor/observador temos um contato de demanda. Quando não olha diretamente temos um contato de oferta. Outro aspecto analisado nessa função é a distância social que diz respeito à interação entre o leitor e a imagem em uma escala gradativa do mais íntimo ao mais distante. Essa relação é estabelecida através dos planos aberto, médio ou fechado. No plano aberto, os participantes representados são mostrados por completo, indicando uma distância social maior. No plano médio, os participantes representados são apresentados do joelho para cima, mostrando assim uma certa distância social. No plano fechado os participantes são apresentados em riquezas de detalhes, percebemos as expressões do rosto, as emoções. O enquadramento vai da cabeça aos ombros, revelando uma relação de muita intimidade. (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006).

Por sua vez, a perspectiva diz respeito aos ângulos em que os participantes são retratados nas imagens que podem ser frontal, oblíquo e vertical. O ângulo vertical revela o movimento da câmara na captação da imagem e sugere relações de poder entre leitor e imagem. Temos ângulo alto quando o participante é captado de cima para baixo (o poder é do observador); ângulo baixo quando o participante é captado de baixo para cima (poder do participante da imagem); e o ângulo em nível ocular quando a perspectiva é colocada em um mesmo nível entre leitor e imagem (relação de poder igualitária). A modalidade refere-se à realidade que a imagem representa, num contínuo do mais real possível ao irreal. A modalidade naturalística é realizada através da relação da imagem com o real, quanto mais se aproximar do real maior será sua modalidade naturalística. A moda-

lidade sensorial acontece quando há algum tipo de efeito na imagem que produz algum tipo de impacto sensorial. Há ainda as modalidades científica e abstrata que retratam os objetos de modo a estabelecer relações de equivalência (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006).

A metafunção composicional organiza os elementos representacionais e interativos para fazer sentido e compor um todo coerente. Isso se dá através de três recursos: o valor da informação, a saliência e a estruturação. O valor da informação é estruturado pela posição dos elementos dentro da composição visual, levando-se em conta os posicionamentos em topo/base, esquerda/direita e centro/margem. Geralmente, os elementos do topo são considerados ideais e os da base, reais. Já os colocados à esquerda são tidos como informação dada e os colocados à direita, como informação nova. Por fim, é possível também haver uma combinação entre três blocos de informação (dado/novo com centro/margem). Quando isso acontece temos os trípticos. A saliência refere-se ao destaque dado a alguns elementos dentro da composição visual através do contraste das cores, do tamanho, do plano de fundo. Por sua vez, a estruturação diz respeito à forma como os elementos da composição estão interligados através de linhas que os conectam ou desconectam, revelando o ponto de vista da criação da imagem (KRESS & VAN LEEUWEN, 2006).

## 2. Metodologia

Esta pesquisa é um estudo exploratório de abordagem qualitativa no qual realizamos uma entrevista para compreender como os estudantes percebem os aspectos visuais do dicionário. Os participantes

desta pesquisa foram os alunos de uma turma do 5º ano da EEF Padre Severino Xavier, município de Palhano, estado do Ceará. A turma contava com 26 alunos, mas apenas 6 participaram desta etapa da pesquisa. Eles tinham idades entre 10 e 13 anos com uma média de idade de 11 anos. Na sua grande maioria, eram filhos de agricultores, de trabalhadores da indústria, de assentados dos projetos de reforma agrária e de desempregados. Alguns moravam com os avós. Boa parte deles participava de projetos no contraturno, como o programa Segundo Tempo, banda de música, reforço escolar.

Na análise dos dados, os sujeitos foram identificados pela letra A (aluno) acompanhada de um numeral (por exemplo: A1, A2, A3, A4 etc.). Assim, preservamos a identidade deles. Realizamos a entrevista com seis alunos que foram sorteados da turma de 5º ano que participava da pesquisa. Inicialmente, marcamos as entrevistas para o contraturno (manhã), mas nem todos os alunos agendados compareceram. Diante disso, em outro momento, voltamos à escola e gravamos com os faltosos no horário normal de aula. Os alunos foram entrevistados individualmente. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo e depois foram transcritas.

A entrevista foi realizada com o objetivo de levantar dados sobre a percepção dos alunos sobre os aspectos visuais do dicionário. Para isso, elaboramos várias perguntas sobre os referidos aspectos com base nos pressupostos da GDV. Enquanto respondiam às questões, os alunos manuseavam os três dicionários escolhidos para essa pesquisa de forma direcionada (Caldas Aulete com a turma do sítio, Dicionário Ilustrado de Língua Portuguesa e Dicionário Sarai-va Júnior). Durante a entrevista também fizemos perguntas sobre o



leiaute e *design* de seis páginas, duas de cada dicionário e sobre as ilustrações que constavam nelas.

### 3. Análise do visual das páginas dos dicionários infantis e suas ilustrações

Geralmente, as páginas dos dicionários escolares são construídas em duas colunas. Isso reduz o número de palavras em cada linha, tornando a leitura dos verbetes mais ágil. Esse formato é prototípico do dicionário, marcando seu estilo e fazendo com que o leitor reconheça uma página como sendo de um dicionário. As páginas dos dicionários infantis seguem também esse formato. Contudo, apresentam um grau de informatividade visual maior em suas páginas, com letras maiores, cores, recursos tipográficos, ilustrações, recuos de parágrafos, espaços maiores entre os verbetes. Nosso objetivo aqui é entender como os alunos percebem tais recursos visuais e como eles facilitam e orientam a busca por informações no dicionário.

As páginas a seguir são do Dicionário Ilustrado do Português (Figura 1). Podemos perceber que nelas as informações estão organizadas em duas colunas. Nas margens esquerda e direita, há o alfabeto na cor amarela com as letras “a” e “v” destacadas, respectivamente, indicando que os verbetes das páginas começam por essas letras. Na margem superior, as palavras-guia estão destacadas em negrito na cor preta. Os espaços entre as duas colunas e entre os verbetes são duplos. As palavras-entrada estão em azul com negrito e em letras maiores. Os verbetes estão justificados com recuo na primeira linha. O verbe “arremessar” e “vertebrados” são ilustrados com imagens.



**A4:** O que é mais destacado? A palavra que vai significar, que... que... vai dá o significado.

**A9:** As figuras e as palavras.

**A24:** As letras azul. É... o... a entrada, a palavra-entrada.

Perguntamos também sobre os recursos das margens e a função delas no dicionário. Os sujeitos responderam que o “alfabeto” estava mais destacado e que a função dele ali era para facilitar na busca. Perguntamos o porquê de ter uma letra destacada, eles responderam que era porque aquela página tinha as palavras daquela letra (**A9:** *Porque essa página tem as palavras da letra v.*).

Aprofundando a análise das respostas dos sujeitos, observamos que eles perceberam na página os recursos mais salientes como a imagem, a organização em colunas, a cor. Em outros termos, a saliência visual construída por esses recursos foi percebida pelos sujeitos, mostrando que esses recursos tornam as páginas mais atraentes para o leitor e facilitam a procura por informações na página. Portanto, o leiaute das páginas pode atrair o leitor e facilitar o uso do dicionário.

O verbete “arremessar” (Figura 2) apresenta como recursos em sua composição visual a cor, o negrito, o itálico, o sublinhado e a imagem. O dicionário utiliza esses recursos da seguinte forma: a palavra-entrada está em azul, a informação gramatical em itálico, a sílaba tônica está destacada, a definição está sem efeito e o exemplo de uso está em itálico e a palavra-entrada é destacada no exemplo de uso com um sublinhado.

A ilustração do verbete é uma fotografia de uma menina fazendo arremesso de peso. A imagem dá ideia de movimento, usando como

Figura 2: Arremessar (p. 32, DIP).



recurso a repetição da foto da menina em sequência. Na imagem, os sentidos representacionais são instanciados por um processo narrativo não transacional. Os sentidos interativos são construídos em um contato de oferta em plano aberto, com ângulo horizontal oblíquo e o vertical em nível ocular, instanciando valores de verdade e realidade. Por fim, a saliência visual é construída pela cor e pela ausência de plano de fundo. Todos esses recursos visuais, além de seduzir o leitor pelo olhar, explicam visualmente o conceito de arremessar. Contudo, a representação visual do verbete “arremessar” apresenta alguns problemas: na definição é dito que arremessar é jogar alguma coisa em direção a um alvo, mas na imagem não tem o alvo para qual a menina está jogando a bola.

Nas entrevistas sobre os aspectos visuais do dicionário, fizemos vários questionamentos aos sujeitos A14 e A24 sobre os verbetes

acima. Inicialmente perguntamos o que tinha na imagem, eles responderam que tinha uma menina jogando uma bola com força em direção ao alvo (**A14**: *Ela tá jogando com força alguma coisa em direção ao alvo*; **A24**: *Tem uma menina fazendo vários exercícios com uma bola*). Em seguida, perguntamos a qual palavra a imagem estava relacionada. De pronto, eles responderam que a imagem estava relacionada a arremessar. Pedimos que lessem o verbete. Os dois sujeitos leram omitindo as informações abreviadas. Eles perceberam que a imagem está sem plano de fundo e não tem o alvo para o qual a menina está arremessando a bola. O sujeito A14 percebeu ainda o efeito que foi adicionado à imagem para dar a ideia de movimento.

## Considerações Finais

Em resumo, considerando o que foi discutido acima, podemos dizer que a organização das informações em duas colunas, as palavras-entrada em cor diferente, os recuos e os espaços duplos entre os verbetes podem facilitar a leitura e ajudar na localização mais rápida dos verbetes nas páginas dos dicionários infantis. Em geral, os alunos perceberam os recursos visuais das páginas e opinaram que facilitam a leitura e ajudam na localização mais rápida das informações nas páginas dos dicionários. No entanto, é preciso que todos esses recursos sejam mostrados aos consulentes para que possam fazer uso em suas buscas e pesquisas no dicionário. Esse é um conhecimento imprescindível para usos mais efetivos e eficientes. Portanto, faz-se necessário acrescentar a seguinte habilidade de uso a ser desenvolvida pelos consulentes: entender a organização visual

das páginas e os vários recursos de orientação dispostos nela, tais como, palavras-guia, recuos, cor, negrito, itálico.

Vale salientar que os recursos visuais usados nos dicionários foram percebidos pelos alunos, especialmente, a imagem, a cor, o negrito. Esses recursos ajudam a localizar as palavras-entrada mais rapidamente. No entanto, os alunos tiveram dificuldades em relacionar o verbete à imagem quando se encontravam distantes um do outro na página, mesmo quando havia legenda. Os estudantes associavam a imagem ao verbete mais próximo. Outra dificuldade percebida está relacionada à falta de recursos que indicassem qual acepção da palavra estava sendo ilustrada, naqueles verbetes que apresentavam mais de uma acepção e apenas uma imagem ilustrativa. Vale salientar também que os alunos são atraídos pelo visual do dicionário e que as ilustrações e recursos visuais ajudam a construir e instanciar sentidos para além do verbal, seduzindo os usuários pelo olhar. Por fim, consideramos que a saliência visual das páginas, relacionada à função composicional, é imprescindível para um leiaute atrativo e legível, em que se possa encontrar as informações mais rapidamente na página, proporcionando assim consultas mais rápidas e eficientes e estimulando os consulentes a sempre retornarem ao dicionário.

## Referências

BIDERMAM, M. T.C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P.P & ISQUERDO, A. N. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2ª ed. Campo Grande, MS, Ed da UFMS, 2001. p. 13-22.

\_\_\_\_\_. *Dicionário Ilustrado de Português*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 2009.

BRASIL. *Edital do Programa nacional do livro didático – PNL D – Dicionários 2012*. Brasília: SED/MEC, 2011.

DAMIM, C; PERUZZO, M. S. Uma descrição dos dicionários escolares no Brasil. *Cadernos de Tradução*. Florianópolis, v. 2, n. 18, p. 93-113, 2006. Disponível em: <<http://journal.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/6981/6450>>. Acesso em: 11 dez. 2011.

DIONISIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECKA, B.; BRITO, K.S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 159-177.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images: the grammar of visual design*. London, New York: Routledge, 2006.

KRIEGER, M.G. *Dicionário em sala de aula: guia de estudos e exercícios*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

MARTINS, M. T. *Análise discursiva de dicionários infantis de língua portuguesa*. São José do Rio Preto, SP. 2007, 150 p. Dissertação de Mestrado. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, *Campus* de São José do Rio Preto, 2007.

PONTES, A, L. *Dicionário para Uso Escolar: o que é, como se lê*. Fortaleza: EdUECE, 2009.

\_\_\_\_\_, S, A. L. Multimodalidade em dicionários escolares. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida (Org.). *As ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010, v. V, p. 201-218.

WELKER, H. A. *Panorama geral da lexicografia pedagógica*. Brasília: Thesaurus, 2008.

# Discursividades

---

## Normas de publicação

*Discursividades* é uma revista eletrônica semestral do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba. O periódico dedica-se à publicação de textos, artigos ou resenhas, cuja ênfase recaia sobre as questões do discurso, em diálogo com os estudos da linguagem que abordem as temáticas literárias e do ensino de línguas.

Os artigos publicados em *Discursividades* são de responsabilidade dos respectivos autores.

Aceita-se textos inéditos em revistas ou livros, podendo ter sido apresentados em eventos da área. Os textos podem ser de graduados e pós-graduados, bem como de mestrandos, doutorandos e graduandos, neste caso acompanhados de professor orientador. Todos os textos serão submetidos ao Conselho Editorial, que tem autonomia para aprová-los ou recusá-los de acordo com os objetivos da revista. Na hipótese de coautoria, um dos coautores deverá ter o título de doutor, o qual figurará em primeiro lugar no texto e no sumário. Excepcionalmente, sob autorização do Conselho Editorial, aceita-se contribuição de autor sem a titulação exigida.

### Os textos devem ter a seguinte formatação:

a) Entre 10 e 13 páginas incluindo as referências, ilustrações, quadros, tabelas e gráficos, digitados no formato A4 em arquivo Word,



fonte Times New Roman, corpo 12, espaçamento 1.5.

b) Incluir título, resumo (máximo de oito linhas, com tema, objetivo, método e conclusão) e palavras-chave, com tradução para o espanhol ou inglês, inclusive do título. No final do trabalho, adicionar endereço completo, titulação, vínculo acadêmico, telefone e email.

c) Resenhas com no máximo cinco páginas, incluindo a capa da publicação resenhada.

d) As ilustrações devem vir dentro do arquivo de texto e em arquivos separados.

e) Entram nas Referências apenas os autores e obras citados no texto, conforme as normas atualizadas da ABNT.

f) Citações curtas (até três linhas) são incorporadas ao texto, transcritas entre aspas, com indicações das fontes de onde foram retiradas.

g) Citações longas são transcritas em bloco com entrelinhas simples e recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto (corpo 11), e sem aspas, com indicação das fontes de onde foram retiradas. Exemplo: (PRADO, 2007, p. 23).

h) Anexos e ou apêndices serão incluídos somente quando imprescindíveis à compreensão do texto.

# DISCURSIVIDADES

Revista do Departamento de Letras e Artes da UEPB

Vol. 3 - N. 2 • Outubro 2018



ISSN 2594-6269